

ERUDIÇÃO, ESPÍRITO CRÍTICO E ACRIBIA NA HISTÓRIA DO FUTURO DE ANTÔNIO VIEIRA

José van den Besselaar *

São divergentes e contraditórios os julgamentos sobre a cultura e a erudição de Antônio Vieira. Ouçamos só as opiniões de dois autores brasileiros que se manifestaram a esse respeito. O primeiro é José Veríssimo, que há uns sessenta anos escreveu assim: "Nem há já, mesmo entre as pessoas piedosas, se não são de todo ignaras, quem lhe sofra a filosofia inconsistente ou a ciência e erudição, atrasadíssimas ainda para o seu tempo, além dos obsoletos e até ridículos processos retóricos"¹. O outro é Ivan Lins, que uns dez anos depois do fim da Segunda Guerra Mundial não hesitou em dizer: "... alguns historiadores da literatura portuguesa [...] não se dão conta de quanto o eminente filho de Santo Inácio já se enfronhara em toda a cultura científica e filosófica do seu próprio século, nada ficando a dever, neste particular, aos melhores espíritos de seu tempo"².

O juízo de José Veríssimo, além de injusto, parece-me destituído de grande valor: é uma afirmação completamente gratuita, mais inspirada pelo ódio do autor à cultura jesuítica, do que baseada num sólido conhecimento dos elementos que a constituem. Aliás, o historiador da literatura brasileira enganou-se redondamente quanto à vitalidade de Vieira entre os modernos; neste particular, foi mau profeta^{2a}.

(*) Da Universidade Católica de Nimega, Holanda.

(1) José Veríssimo, *História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 3.ª ed., 1954, p. 62.

(2) Ivan Lins, *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, Rio de Janeiro, 1956, p. 304-305.

(2a) A figura e as obras de Vieira têm, desde 1950, atraído a atenção de um número cada vez maior de especialistas, não só em Portugal e no Brasil (menciono aqui só os estudos brilhantes de A. J. Saraiva), como talvez mais ainda em outros países: R. Cantel e M. Bataillon, na França; J. de Bie, na Bélgica; Mary C. Gotaas e Karl A. Kottman, nos Estados Unidos; Charles R. Boxer, na Inglaterra; Fr. Berkemeier, Kl. Rühl e muitos outros, na Alemanha (onde a *Goerresgesellschaft* está publicando uma série de textos e estudos vieirianos); o autor do presente trabalho, na Holanda.

Por outro lado, parece-me também exagerado o elogio de Ivan Lins. É verdade que este autor, no seu livro *Aspectos do Padre Antônio Vieira*, reuniu centenas e centenas de textos interessantes tirados da obra vieiriana, que ilustram bem a variedade cultural, a abertura mental, o “engajamento” e, até certo ponto, a atualidade do jesuíta, mas com tudo isso não nos conseguiu convencer de que Vieira “nada ficasse a dever aos melhores espíritos de seu tempo”. Não integrou os trechos alegados no seu contexto histórico; muitas vezes, deixou-se levar por analogias superficiais e apenas aparentes; e, pior ainda, deixou de lado quase todos os textos incômodos, que nos poderiam revelar um Vieira não modernista e progressista, mas um Vieira medieval e escolástico.

Diante dessa situação, creio ter alguma utilidade um trabalho que trate do assunto não em termos genéricos e apodícticos, mas na linguagem seca da filologia. É o que pretendo fazer nestas páginas. Nelas me limito a aduzir e discutir alguns casos significativos que se me depararam, ao preparar uma edição crítica e comentada da *História do Futuro*³.

Tal exame, ainda que feito a título exemplificativo, tem o seu valor. O livro escolhido constitui uma parte importante da obra vieiriana. A *História do Futuro* é uma obra eminentemente “erudita” e, ao mesmo tempo, “retórica”; o autor redigiu-a, quando estava no apogeu da sua evolução intelectual e artística. Não nos patenteia apenas a extensão e a variedade dos elementos, por assim dizer, “materiais” da sua erudição, mas também os aspectos “formais”, que são um objeto de estudo mais interessante. A finalidade deste trabalho não é ir apontando os numerosos autores e livros que Vieira consultou, ao compor a sua obra; tal exposição exigiria um longo comentário, excedendo o quadro de um artigo. O que aqui pretendo fazer é indagar três aspectos da cultura vieiriana, tais como se manifestam na *História do Futuro*: em que medida dominou as “línguas bíblicas”? qual foi a sua atitude perante os documentos escritos? qual foi a sua apresentação (e emprego) das fontes consultadas?

(3) Esta edição deve sair em 1975 (2 vols., Münster, Aschendorff). O novo texto diverge bastante do tradicional, tendo por base alguns mss. até agora não utilizados e umas folhas autógrafas da obra. O texto das edições impressas (1755, 1838, 1855, 1937 e 1953) remonta quase exclusivamente ao da *editio princeps* (1718), que apresenta um texto mutilado pelas intervenções do Santo Offício, pela má qualidade do ms. utilizado e pela incompetência do editor. — No presente trabalho, os trechos citados da *História do Futuro* são os da nova edição crítica, mas como esta não está publicada ainda, sirvo-me da sigla HF p. [...] para indicar a página correspondente da edição feita por H. Cidade (*Colecção de Clássicos, Sá da Costa, Lisboa, 1953*, sendo o Vol. VIII das *Obras Escolhidas*), que é a mais acessível de todas as edições tradicionais, e apresenta o texto melhor. O leitor poderá verificar que as diferenças entre o texto reconstituído e o das edições impressas são, às vezes, consideráveis.

I

O SEU DOMÍNIO DAS LINGUAS BIBLICAS

Durante longos anos da sua vida, Vieira dedicou-se com afinco ao estudo dos profetas canônicos e não-canônicos, reputando-se o intérprete providencial de textos “apocalípticos” e vivendo intensamente o drama do seu milenarismo luso-cêntrico. Todavia ignorava o Hebraico e o Aramaico, os idiomas do Antigo Testamento; desconhecia também o Grego, a língua do Novo Testamento, para não falarmos em outros idiomas empregados em antigas versões e paráfrases da Bíblia.

Sem dúvida, Vieira era bom latinista ^{3a}, mas mesmo no século XVII não bastava ser bom latinista para ser bom exegeta: já o sabiam Arias Montano, Frei Luís de León, Tomás Malvenda e Francisco Foreiro, para mencionarmos aqui apenas nomes da Península. Com a malícia que lhe é peculiar, diz Verney ⁴ do nosso autor: “O pior é que, pela maior parte, funda-se em palavrinhas da Vulgata. E este é mui mau modo de interpretar; porque, não tendo Deus falado em Latim, mas em Hebraico, Caldaico ^{4a}, e alguma coisa em Grego, é necessário saber estas línguas para alcançar a verdadeira inteligência do original. Sem estas preparações, nenhum intérprete se mete a dizer coisas novas, mostrando a experiência que comumente se enganam e só podem dizer sutilezas pouco sofríveis” ⁵.

Que Vieira disse muitas sutilezas é indubitável, mas é verdade também que disse muitas coisas novas, que ainda hoje se lêem com muito interesse. As sutilezas devia-as à moda literária da época e igualmente ao seu próprio feitio; as coisas novas e interessantes, não à sua análise penetrante da Bíblia, mas à sua grande faculdade inventiva. Alimentava seu poderoso talento criador com a atenta observação da vida humana e,

(3a) Não é temerária a hipótese de que Vieira leu número muito maior de livros latinos que portugueses. Redigiu a sua grande obra *Clavis Prophetarum* num Latim muito correto; também escreveu poematos latinos (cf. *Obras Escolhidas*, Vol. VII p. 168-219), que revelam uma certa habilidade de metrificacão. Referimos ainda a anedota, segundo a qual Vieira, encontrando-se em Roma com o Frei Francisco de S. Agostinho, o tradutor de *Os Lusitadas* para o Latim, e ouvindo-lhe dizer que era bastante difícil traduzir num único hexâmetro o verso camoniano: “Por mares nunca de antes navegados”, lhe teria sugerido sem demora esta traduçãõ: *Per maria ante aliis numquam sulcata carinis*, cf. a obra anônima: *Crisis Paradoxa*, Londres (?), 1748, p. 259.

(4) Se é que se pode atribuir a autoria do *Verdadeiro Método de Estudar* a Luís Antônio Verney, cf. o estudo interessante de D. Willemse, *Novos Dados sobre o Arceidiago de Évora*, ap. *Arquivos do Centro Cultural Português*, V (1972) p. 614-657.

(4a) O termo “Caldaico” servia antigamente para designar o idioma que, atualmente, se chama Aramaico”. O termo antigo tem a sua origem em Dan. 2.4.

(5) Luís Antônio Verney, *Verdadeiro Método de Estudar* (ed. pelo Prof. Ant. Salgado Júnior, ap. *Colecção de Clássicos*, Sá da Costa, Lisboa, 1950), Vol. II p. 183.

igualmente, com leituras assíduas. Vieira era um espírito curioso, fascinado por tudo o que ia pelo mundo dos homens e dos livros. Tudo quanto via e lia era, para ele, matéria bruta, que estava à espera do seu sopro animador para ser chamada à vida. O jesuíta não tinha o temperamento de um erudito nem a paciência de um pesquisador; tinha a paixão de um artista e o zelo de um apóstolo. Para ele, o saber não era um fim em si, mas transformava-se um belo ornamento literário e numa arma poderosa a serviço de um grande ideal. Vieira não queria só argumentar, mas também impressionar, comover, ativar e estimular, tanto na *História do Futuro*, como nos *Sermões*. Sua *Clavis Prophetarum*, obra redigida em Latim e destinada aos teólogos profissionais da Europa é uma das poucas exceções a esta regra geral, e talvez seja esta circunstância também a razão por que Vieira, apesar de todos os seus esforços neste sentido, não conseguiu concluir a obra. O caráter metódico e a estrutura rígida, que se exigiam de tal obra exegética, vinham nele sufocando o artista, que só estava no seu elemento quando, sem estorvo, podia entregar-se aos seus rasgos de intuição.

Na *História do Futuro* encontramos diversas referências a certas peculiaridades que o texto bíblico apresenta na língua original, e a certas variantes do mesmo ocorrentes em antigas versões. Ao referi-las, Vieira queria apenas fazer estendal da sua erudição? Não podemos, de antemão, eliminar esse motivo, mas a eventual vaidade do autor não diz nada da qualidade da sua erudição. Por ventura, sacrificava ele apenas a uma moda da época? A moda existia, como sabem todos os conhecedores da literatura barroca. Mais importante, porém, do que averiguar a existência da moda é procurar saber qual era o sentido que a moda tinha para Vieira. Ele não era pessoa para obedecer cegamente a uma costume literário.

Vieira fazia caso de referir essas peculiaridades textuais, porque nelas via certos aspectos importantes da Palavra de Deus, pouco ou nada perceptíveis no texto que lhe era familiar: a Vulgata latina. Todas essas variantes, longe de o confundirem, ele as interpretava como elementos enriquecedores da Verdade revelada: elementos não contraditórios ou difíceis de reconciliar entre si, mas elementos complementares de uma única mensagem divina, e portanto ansiosamente acolhidos por ele como possíveis "aliados" na elaboração de uma tese. Na Bíblia, *nihil prorsus vacat*, diziam os Padres antigos, e Vieira, prossequindo uma tradição de muitos séculos, diz que na Bíblia não há nada que seja supérfluo ou fortuito: nenhuma palavra, ne-

nhuma sílaba, nenhuma letra, nenhum sinal de pontuação⁶. Tudo na Bíblia tem um sentido profundo e revela um alto mistério, inclusive as peculiaridades das diversas antigas versões admitidas pela Igreja.

Damos aqui alguns exemplos destas verdades complementares expressas por variantes bíblicas.

Numa profecia de Isaías (49,12) lemos que muitas gentes virão de longe para adorar e glorificar ao Deus de Israel⁷; entre elas se acham (na versão latina de São Jerônimo): *et isti de terra Australi*, isto é, “as nações da terra austral”. Ora, em lugar de: *de terra Australi*, o original Hebreu lê: *de terra Sinim*, termo explicado como: “da terra dos Chineses”. Poder-se-ia objetar que a China não é terra austral ou meridional, e sim oriental. Como justificar, então, o emprego do termo “terra austral” na versão de São Jerônimo, oficialmente autorizada pela Igreja? Vieira não vê nenhuma dificuldade, e diz: “... aludio o Espirito Santo, que governava a penna de São Jeronymo, á navegação dos Portuguezes, os quaes, quando vão para o Oriente, fazem a sua viagem direyta ao Austro, navegando ao Cabo da Boa Esperança” (HF p. 220-221).

Outra profecia do mesmo profeta (Is. 18, 1-2) dirige-se, de acordo com a interpretação tradicional que, neste caso, coincide com a moderna, contra os Egípcios e os Etiópios. Vieira, como muitos dos seus contemporâneos, vê nela uma alusão a um povo recém-descoberto. Ao passo que outros o situavam no Extremo Oriente ou na América em geral, Vieira julga-se capacitado para identificá-lo com o povo do Maranhão. Isaías refere-se a esta gente em termos obscuros, dando-lhe, na versão da Vulgata, o qualificativo: *gentem conculcatam*, isto é: “gente pisada dos pés”. Nome muito apropriado, diz Vieira, para designar o povo do Maranhão, “... porque os Antipodas, que ficão debayxo de nós, parece que os trazemos debayxo dos pés e que os pizamos” (HF p. 231). Pouco depois diz o nosso autor: “... em lugar de *gentem conculcatam*, lê o Siro: *gentem depilatam*, “gente sem pelo”, e taes são também os Brasis, que pela mayor parte não tem barba, e no peyto e pelo corpo tem a pelle liza e sem cabelo, com grande differença dos Europeos” (HF p. 235).

(6) Cf. R. Cantel, *Prophétisme et Messianisme dans l'oeuvre d'António Vieira*, Paris, 1960, p. 52-55; A. J. Saraiva, *Les quatre sources du discours ingénieux dans les Sermons du Père António Vieira*, ap. *Bulletin des Etudes Portugaises*, XXXI (1970), p. 188.

(7) Na realidade, a profecia de Isaías refere-se ao regresso das diversas tribos à Terra da Promissão.

Na mesma profecia encontramos outro epíteto deste povo: *gentem expectantem*, na versão da Vulgata. Mas também aqui existe uma variante significativa, que dá a Vieira a oportunidade de achar mais uma alusão ao povo maranhense no versículo de Isaías. Diz ele: "... onde a Vulgata leo: *gentem expectantem, expectantem*, a propriedade da letra Hebraea [...] tem: *gentem lineae lineae*, "gente da linha da linha", porque os Maranhões são aquelles que além da Ethiopia ficão pontual e perpendicularmente debayxo da linha Equinocial, que he propriedade por todos os titulos admiravel; e assim como a palavra *lineae* se repete, está tambem repetida no mesmo texto a palavra *expectantem*, com que vem a concluir o Profeta o seu principal e total intento, que he exhortar os Prégadores Euan-gelicos a que vão ser Anjos da Guarda daquella triste gente, que tanto ha mister quem a encaminhe como quem a defenda" (HF p. 243).

Esta maneira de extrair de um único texto bíblico diversos sentidos (considerados, ingenuamente, como "literais" e "genuínos") tem para nós algo de desconcertante; não nos parece uma interpretação científica, mas um jogo engenhoso. Para Vieira, porém, era um assunto bastante sério. Ele acreditava, como quase todos os exegetas católicos da época, no *sensus literalis multiplex* da Bíblia, dizendo: "... as mesmas palavras e o mesmo texto pode ter muitos sentidos literaes diferentes, conforme o que disse David: *Semel loquutus est Deus, et duo haec audivi* [Ps. 61,12]. Toda esta doutrina he commum dos Theologos..."⁸. Com efeito, a teoria era defendida por quase todos os teólogos e aplicada por muitos exegetas. Mas os que entre eles tinham uma certa formação filológica applicavam-na, geralmente, com moderação, ao passo que Vieira, neste ponto, não tinha inibições. Essa falta de comedimento dava à exegese vieiriana, também aos olhos dos exegetas profissionais do seu tempo, a nota de certo diletantismo: muito engenho e muita agudez, mas pouca disciplina e pouco método.

O preparo filológico do nosso autor era seguramente inferior ao dos exegetas profissionais da época do Barroco. Estes, inclusive os protestantes, geralmente não se atreviam a submeter os livros bíblicos às normas da crítica histórica, já applicadas, no século XVII, aos livros profanos: a crítica racionalista da Bíblia havia de nascer só no século seguinte. Mas vários deles prestaram serviços relevantes ao estudo filológico

(8) Vieira, *Defesa perante o Tribunal do Santo Officio* (ed. pelo Prof. H. Cidade), Salvador (Bahia), 1957, Vol. II p. 281.

da Bíblia⁹; a restituição do texto autêntico, o confronto das diversas variantes e a utilização das antigas versões e paráfrases constituíam uma constante preocupação da época. Os comentadores da Bíblia, no tempo de Vieira, julgavam-se obrigados a conhecer, ao lado do Latim, que era então a língua universal dos sábios, o Grego, o Hebraico e o Aramaico. Vieira, que tinha a pretensão de ser o inovador dos estudos bíblicos, desconhecia os “idiomas sacros”, dependendo, neste particular, de autores especializados e, mais freqüentemente ainda, de simples divulgadores; tinha que repetir-lhes as afirmações, sem ser capaz de as controlar na fonte. Uma situação pouco confortável para um pretense pioneiro no campo da exegese!

Geralmente, podemos verificar com facilidade a origem dessas referências eruditas que se encontram na *História do Futuro*, sendo o próprio Vieira quem nos encaminha a identificar a fonte. O autor mais explorado é Cornélio à Lápide, jesuíta flamengo^{9a}; outros são o jesuíta francês Jean Lorin (Joannes Lorinus)¹⁰ e o dominicano espanhol Tomás Malvenda¹¹. Eis alguns exemplos:

VIEIRA HF p. 131:

Onde a versão syriaca tem: *Nos-
tra nobis vaticinabantur.*

VIEIRA HF p. 212:

Ou, como lê São Jeronymo e Theodotio: *Compescens, sedans, mulcens sonitum, cavitatem, latitudinem et profunditatem*¹².

VIEIRA HF p. 212:

Ou, como tem o Hebreo: *Maris remotorum.*

CORN. 1 Petr. 1,12:

Unde Syrus vertit: *nostra nobis vaticinabantur.*

LOR. Ps. 64,8:

Hieronymus: *compescens sonitum maris. Sed alii quoque ex Hebraeo, nec non Theodotio: Καταπραίνων, sedans et mulcens. Vocem graecam KŪTOS scholion exponit: Κοίλωμα, πλάτος ἢ βάθος; cavitatem, latitudinem aut profunditatem.*

LOR. Ps. 64,4:

Ad verbum ex Hebraeo: ... *maris remotorum.*

- (9) P.es Santes Pagnini e Isidoro Clário, na Itália; Arias Montano e Tomás Malvenda, em Espanha; Francisco Foreiro, em Portugal.
- (9a) Cornelius Cornelii à Lápide ou Cornelis Cornelissen van de Steen (1567-1637), jesuíta flamengo, professor de exegese em Lovaina e, mais tarde, em Roma, comentou todos os livros da Bíblia (exceto Jó e os Salmos); os seus comentários volumosos e eruditos, mas pouco originais, tiveram uma enorme repercussão entre os católicos (reedições completas das suas obras ainda no século XIX, e edições de comentários avulsos até no século XX). Para Vieira, “Cornélio” foi uma abundante fonte de informações.
- (10) Joannes Lorinus ou Jean Lorin (1559-1634), jesuíta francês, escreveu, entre muitas outras obras: *Commentarii in Catholicas tres Beati Joannis, et duas Beati Petri Epistolas* (Lyon, Cardon, 1609) e: *Commentarii in Librum Psalmorum* (3 vols., Lyon, Cardon, 1612-1616).
- (11) Tomás Malvenda (1566-1628), dominicano espanhol, escreveu, além de uma nova versão latina da Bíblia, a obra: *De Antichristo* (2 vols., Roma, 1604), muitas vezes consultada por Vieira, e da qual nós seguimos a edição de Lyon (1647).
- (12) Como se vê, a notícia de Vieira é pouco exata.

VIEIRA HF p. 224:

Ou, como lè Foreyro do Hebreo:
*Et naves maris cum primaria seu praetoria*¹³.

VIEIRA HF p. 234:

E o Hebreo ao pé da letra tem:
de trans flumina Aethiopiae. A qual palavra *de trans*, como notou Malvenda, he Hebraismo, semelhante ao da nossa lingua. Os Hebreos dizem: *de trans*, e nós dizemos: "de trás".

VIEIRA HF p. 239-240:

Os setenta Intérpretes em lugar de: *Terrae cymbalo alarum*, lèrão: *Terrae navium alarum*, e huma e outra cousa significão as palavras de Isaías...

VIEIRA HF p. 253:

Assim o interpretárão os Setenta, accrescentando por modo de glosa no mesmo texto: *Consideravi opera tua et expavi*.

VIEIRA HF p. 254:

Os Setenta, traduzindo juntamente e explicando, lèrão: *Cum appropinqua-verint anni, cognosceris*.

VIEIRA HF p. 255:

Ou, como treslada Simaco: *Reviscere fac ipsum*.

CORN. Is. 60,9:

Forerius vertit: *naves Tharsis cum primaria sive praetoria*.

MALV. Antichr. I p. 252,1:

Hebraice ad verbum: *quae de trans flumina Aethiopiae seu Chus*.

MALV. Antichr. I p. 248,1:

Septuaginta: *navium alarum, vel alis, vel alas*.

CORN. Hab. 3, 2-3:

Porro Septuaginta addunt: *Consideravi opera tua et effédny, id est, obstupui vel expavi*.

CORN. Hab. 3, 2-3:

Septuaginta: *cum appropinqua-verint anni, cognosceris*.

CORN. Hab. 3, 2-3:

Unde Symmachus vertit: *intra annos reviviscere fac ipsum*.

Esta pequena antologia de textos paralelos basta para o leitor se convencer de que Vieira, ao fazer uma referência desta natureza, não costumava recorrer a uma Bíblia Poliglota, mas se contentava em copiar as notícias que a esse respeito encontrava nos comentários consultados por ele. Uma referência, porém, não é tão fácil de situar. Trata-se de um passo em que Vieira, comentando um versículo do *Cântico dos Cânticos* (7,13), diz: "Com o cheyro destas mandragoras e com a doutrina destes prégadores, diz a Esposa que ajuntou para seu Esposo os frutos novos aos velhos (assim o interpretárão

(13) Franciscus Forerius ou Francisco Foreiro (1510-1581), dominicano português e teólogo de D. Sebastião no Concílio de Trento, foi excelente conhecedor das "três línguas sagradas"; fez uma nova versão latina de Isaías com um comentário muito estimado (Veneza, 1663).

os Setenta) ...". Esta referência à interpretação dos Setenta não ocorre no comentário de Cornélio, obra que o nosso autor costumava saquear em quase todos os capítulos da *História do Futuro*, inclusive no episódio relativo ao *Cântico*¹⁴. Será este um caso excepcional em que Vieira recorreu a uma Bíblia Poliglota? A hipótese parece pouco provável, porque o nosso autor, em matéria de variantes bíblicas, costumava contentar-se com informações de segunda mão; não há motivo para supor que, neste caso particular, se teria afastado da sua praxe habitual.

Julgo poder indicar a fonte direta da notícia sobre a lição dos Setenta. Lemos, no referido episódio, um texto latino de Honório de Autun (HF p. 213-214), autor medieval que escreveu um comentário sobre o *Cântico*. Custa-nos crer que Vieira tivesse conhecimentos diretos desta obra relativamente pouco conhecida. Acontece que nem Cornélio nem Sherlogo¹⁵ citam o texto de Honório. Mas o texto encontra-se no comentário de Martín Antonio Delrío¹⁶, obra que Vieira conhecia¹⁷. Ora, neste comentário de Delrío ocorre também (em versão latina) a variante do texto dos Setenta: (*nucis*) *novas super veteres, nepos mi, servavi*¹⁸. Assim parece legítimo admitirmos que Vieira, também neste caso, depende de um comentador.

Deixando esses assuntos demasiadamente técnicos, passemos a examinar algumas etimologias de vocábulos gregos que Vieira chega a propor na *História do Futuro*.

Diz ele (HF p. 85): "Bem sabem os doutos que o nome Grego *hypocrisia* se deriva do fingimento do melhor metal...". E' uma etimologia errônea que Vieira deve ter encontrado

(14) Cf. HF p. 216 (onde Vieira o cita) e p. 215 (onde Vieira lhe toma emprestado um texto de Gregório Magno).

(15) Este Paulo Sherlogo, de quem havemos de falar mais adiante, escreveu: *Cogitationes in Salomonis Cantorum Canticum* (2 vols., Lyon, Prost, 1637-1640), precedidas de um livro introdutório: *Anteloquia in Salomonis Cantorum Canticum* (Lyon, Prost, 1633). Vieira refere muitas vezes este autor, não na HF, mas em outras obras, p.e. na *Defesa* I p. 225; II p. 10; p. 19, como também na outra *Defesa* (ap. *Obras Escolhidas*, Vol. VI) p. 101 e p. 157.

(16) Martín Antonio Delrío (1551-1638), jesuíta belga de descendência espanhola, escreveu, além das obras: *Adagialia* (cf. nota 90) e *Disquisitiones* (cf. nota 17), numerosas outras, entre as quais: *In Canticum Cantorum Salomonis Commentarius Litteralis* (Ingolstadt, 1604). Neste comentário (p. 228) ocorre o texto de Honório.

(17) Cf. Vieira, *Defesa*, II p. 22: "Vejaose os expositores deste lugar *Cant.* 4,16 e particularmente, os que nelle traz copiados Delrío". — Em outro passo (*Defesa*, I p. 31), Vieira menciona outra obra do mesmo autor: *Disquisitionum magicarum Libri VI* (Mogúncia, 1593), que exerceu uma nefasta influência sobre a perseguição de feiticeiros e bruxas.

(18) Delrío, *Comment, Litt.*, p. 408; cf. p. 400.

num autor que sabia algumas palavras gregas sem ser bom helenista¹⁹. A palavra que este autor devia ter em mente, era sem dúvida *ὑπόχροντος* ²⁰, que significa: “o que contém ouro por baixo/por dentro”, aplicando-se, portanto, a uma pessoa ou coisa que, por dentro, se revela muito melhor do que as aparências exteriores fariam supor, — uma noção completamente contrária à de “hipocrisia”. Na realidade, o vocábulo “hipócrita” deriva de *ὑποκριτής* = “responsor”, isto é, aquele que “dá respostas” às perguntas do *corifeu* (*Κορυφαῖος* = diretor do coro) no antigo teatro dos Gregos; como estas “respostas”, no decorrer dos anos, fossem perdendo o seu caráter narrativo ou épico para irem adquirindo um caráter, cada vez mais “dramático”, o “responsor” passava a designar o “ator”, com a conotação de “comediante, simulador, fingidor” e, no Novo Testamento, com a de “hipócrita” no sentido atual da palavra.

Em outro passo lemos (HF p. 156): “A mesma Ley de Christo, chamada por sua novidade Evangelica, em quantos livros e tribunaes de gentes e Judeos foy criminada pela gloria deste titulo...”. Com este reparo, Vieira torna a trair a sua ignorância da língua grega. A palavra “Evangelho” (*εὐαγγέλιον*) quer dizer: “Boa Nova”, no sentido de “Mensagem Boa”, mas não no de “Mensagem Nova”, como o autor sugere aqui, provavelmente porque pensa no termo “Novo Testamento”, em oposição ao “Velho Testamento”.

Vieira tinha dos autores gregos (tanto eclesiásticos como profanos) só conhecimentos indiretos, mediante versões latinas. Na *História do Futuro* chega a citar, sempre em Latim, trechos de quatro autores gregos: Flávio Josefo, São João Crisóstomo, Procópio de Gaza e Heródoto. As citações não provam que ele fosse familiar com estes autores; em três dos quatro casos, podemos verificar que Vieira copiou os textos tais como os encontrara em obras exegéticas redigidas em Latim. Vejamos os trechos.

Falando na importância que as profecias tiveram na vida de Alexandre Magno, nosso autor diz que o rei macedônio foi recebido em Jerusalém pelo Sumo Sacerdote Jado, se lançou a seus pés e o adorou. Em seguida (HF p. 55) diz: “... e perguntado pela causa de tão desuzada reverencia, tão alheya

(19) Provavelmente na obra do jesuíta português Brás (Blasius) Viegas (1554-1589), professor na Universidade de Évora: *Commentarii ezegetici in Apocalypsim Joannis Apostoli* p. 67 da ed. Parisiense, 1606).

(20) A palavra ocorre ap. Plato, *Resp.* 415C.

de sua grandeza e magestade, respondeo que elle não adorára aquelle homem, senão nelle a Deos; porque reconhecêra que aquelle era o habito, o ornato e a representação em que Deos lhe tinha apparecido em Dio, cidade de Macedonia, exhortando-o a que emprendesse a conquista da Persia, que naquelle tempo meditava, e assegurando-lhe a vitoria”. Como se esta paráfrase em Português não fosse sufficiente, Vieira continua: “As palavras de Alexandre (que he bem se veja a sua formalidade) são as seguintes: *Non hunc adoravi...*” (segue-se o texto de Josefo ²¹).

Causa espécie a explicação dada na cláusula: *que he bem se veja a sua formalidade*, porque, admitindo-se a autenticidade da resposta de Alexandre, este deve tê-la formulado em Grego, e não em Latim. Contudo parece que Vieira dava muito valor a essa *formalidade*: citou a resposta do rei por extenso. Também o comentário de Cornélio à Lápide, que era o seu guia habitual, reproduzia as palavras de Alexandre Magno ²², mas desta vez, Vieira, ao contrário do seu costume, não lhe copiou o texto. Por que não quis reproduzir a frase latina, tal como a podia ler na obra do jesuíta flamengo? A razão é muito simples: a versão latina, encontrada no comentário de Cornélio, estava na chamada “oração indireta”, e Vieira, fazendo questão de citar a resposta de Alexandre “na sua formalidade”, deu-se ao trabalho de ir à procura de uma tradução latina de Josefo que a apresentasse na “oração direta”. Conseguiu o que queria: achou uma antiga tradução latina das obras de Flávio Josefo ²³, que trazia a famosa resposta na “oração direta”. Diligência excepcional por parte do nosso autor, que, em geral, não primava pela virtude de “acribia” filológica, e que desta vez, não se contentando com uma fonte secundária, tinha a ilusão de reproduzir, ao pé de letra, as palavras de Alexandre!

Em outro passo (HF p. 142) lemas uma citação de São João Crisóstomo ²⁴: *Saepe abjectus quispiam et vilis invenit, quod magnus et sapiens vir praeterit*. Vieira copiou esta frase de uma obra de Paulo Sherlogo ²⁵, o qual, por sua vez, a copiara de uma antiga tradição latina das obras de Crisóstomo ²⁶.

(21) Flavius Josephus, *Ant. Jud.* XI 8,4.

(22) Cornélio cita o texto de Josefo duas vezes: uma vez, no seu comentário ao profeta Daniel (8,8); outra vez, na sua introdução ao livro da Sabedoria.

(23) Era a edição de Basiléia de 1584.

(24) Joannes Chrysostomus, *Homilia de serendis reprehensionibus et conversione Sancti Pauli*, 3.

(25) Paulus Sherlogus, *Anteloquia*, etc., p. 152,1.

(26) Deve ser a edição de Basiléia de 1547 (Vol. III p. 1104).

Nenhum dos dois tinha provavelmente a menor suspeita de que a frase copiada estava muito longe de reproduzir o pensamento do Padre grego ²⁷.

Mais adiante (HF p. 207), Vieira cita um trecho do exegeta grego Procópio de Gaza (século VI). Este, partindo de certos textos bíblicos, sustenta a tese de que a terra está estribada sobre as águas. De acordo com a nota marginal ao texto citado ²⁸, a fonte desta notícia é a *Bibliotheca Sancta* de Sixto de Siena, obra referida por Vieira (HP p. 196). O trecho citado começa assim: *Quod autem universa terra in aquis subsistat nec ulla sit pars ejus, quae infra nos sita sit, aquis vacua et denudata, omnibus notum reor*. Sixto de Siena, porém, tem: *sita est*, ²⁹ em lugar de: *sita sit*. Vieira, mau helenista (ou antes, nenhum helenista), mas bom latinista, substituiu o Indicativo pelo Subjuntivo, que, neste caso, é um modo mais correto segundo as normas da sintaxe latina.

E finalmente. Vieira cita um trecho de Heródoto ³⁰ que começa assim: *Hi Aethiopes, qui sunt ab ortu solis, sub Pharnazatre censebantur cum Indis, specie nihil admodum a caeteris differentes, sed sono vocis dumtaxat atque capillatura...* (HF p. 257). A tradução latina da obra de Heródoto foi feita pelo humanista Lourenço de Valla; ela teve diversas reedições nos séculos XVI e XVII, às vezes, com emendas mais ou menos consideráveis. Mas em nenhuma edição encontrei as palavras: *sub Pharnazatre*, as quais, aliás, faltam também no texto original, pelo menos neste lugar. O nome do general persa Farnatzates ocorre em outro capítulo das *Historiae* (VII 65), sendo uma interpolação neste trecho. Não foi, porém, Vieira que o acrescentou, mas outro autor que queria tornar mais clara a frase herodotiana, relacionando-a com um trecho anterior. Foi o exegeta espanhol Cristóvão de Castro ³¹, autor a quem Vieira deve algumas informações na sua exposição sobre os Etiopes ³².

(27) A tradução correta da frase é: *Accidit enim etiam apud vilissimum hominem aliquid boni deprehendi, quod in sapiente magnoque viro plerumque non invenitur* (tradução do beneditino B. de Montfaucon, ap. Migne PG 61, 135).

(28) Parece que esta nota é de Vieira, cf. o meu trabalho: *As notas marginais na Edição Princeps da HF de António Vieira*, ap. *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, XI (1971) ,p. 89.

(29) A versão latina das obras de Procópio de Gaza foi feita pelo Alemão Claudius Thraasybulus (1555), reproduzida por Migne PG 87,70.

(30) Herodotus, *Historiae*, VII 70.

(31) Cristóvão de Castro ou Christophorus Castrus (1552-1615), jesuíta espanhol e professor da exegese sagrada em Alcalá, mais tarde, em Salamanca. Escreveu entre muitas obras: *Commentariorum in XII Prophetas Libri XII* (Mogúncia, 1616, p. 419,1).

(32) Vieira menciona-o HF p. 256: na página seguinte, copia-o, ao dizer: "como diz Hephoro, referido por Strabo".

Vieira não tinha conhecimentos muito profundos da cultura e da literatura gregas; daí encontrarmos algumas afirmações errôneas, das quais damos dois exemplos.

No capítulo I da *História do Futuro*, nosso autor fala amplamente no apetite humano de conhecer o segredo do futuro, dizendo entre muitas outras coisas: “Finalmente, a investigação deste tão appetecido segredo foy o estudo e disputa dos mayores e mais sinalados philosophos, de Socrates, de Pitagoras, de Platão, de Aristoteles, e do eloquente Tullio nos livros mais sublimes e doutos de todas suas obras” (HF p. 5). Quem assim se manifesta, dá prova de saber pouca coisa da história da filosofia grega. Sócrates e Pitágoras não deixaram nada de escrito; Platão e Aristóteles referem-se nas suas obras ocasionalmente à arte divinatória, mas nenhum dos dois consagrou uma obra especial ao assunto; só Cícero (“o eloquente Tullio”), o único dos cinco autores referidos, entra em linha de conta como autor do tratado: *De Divinatione*.

Ao aludir a Homero, escapou-lhe um deslize que revela os seus conhecimentos deficientes da epopéia grega. Diz Vieira (HF p. 112): “Até a superstição dos gentios conheceo a consequencia desta verdade e que os reynos fundados por hum Deos (ainda quando houvesse muytos Deoses), só o mesmo Deos os podia arruinar. Esta foy a theologia com que os dous Principes dos Poetas, no incendio e destruição de Troya, introduzirão ao Deos Neptuno batendo com o tridente os muros que elle mesmo tinha fundado”. Os “dois príncipes” devem ser Homero e Vergílio. Com efeito, lemos na Eneida (II 610-612):

*Neptunus muros magnoque emota tridenti
fundamenta quatit, totamque a sedibus urbem
eruit...*

Num comentário a este passo vergiliano, que deveras relata a destruição de Tróia por Neptuno, o fundador da cidade, Vieira deve ter encontrado uma referência a um episódio da Iliada de Homero (XII 27-29), o qual apresenta grandes semelhanças formais com o trecho citado de Vergílio. Mas a analogia é apenas formal. A atuação de Neptuno, no trecho da Iliada, é totalmente diversa: aqui ele ajuda os Troianos a derrubar o acampamento naval dos Gregos, em cuja construção não teve parte alguma.

E assim poderíamos continuar, mas julgamos bastarem os exemplos dados.

I

O ESPIRITO CRÍTICO DE VIEIRA

O homem moderno vive, para usarmos uma expressão de Bultmann, num “mundo fechado”; concebe o mundo como uma concatenação de causas e efeitos, em que consegue descobrir — e hoje, num ritmo acelerado — a onipresente atuação de leis “naturais”; mesmo que, eventualmente, reconhça a Deus como Criador do Universo, não o costuma fazer intervir nos negócios mundanos; estes constituem um terreno completamente autónomo e, praticamente, impermeável ao Transcendente.

O mundo de Vieira era muito diferente: era um mundo “aberto”. Embora ninguém chegasse a pôr em dúvida a atuação das causas “naturais”, geralmente existia uma grande inclinação para admitir profecias e milagres, — duas coisas que, para um cristão moderno, são antes uma ocasião de escândalo que um sólido argumento para o confirmar na fé. É verdade que o homem europeu, no século XVII, começava a emancipar-se da antiga cosmovisão, mas sabe-se também que a Península Ibérica se mantinha distante desse movimento racionalista. Vieira tinha uma atitude essencialmente medieval diante da realidade, que, para ele, não perdera ainda o seu carácter sacral e era interpretável apenas à luz da Revelação cristã. O Deus de Vieira não era a incolor abstração dos deístas esclarecidos, mas o Deus vivo que salvou o povo de Israel da terra dos Egípcios e que estava prestes a intervir na história da Europa e do mundo, estabelecendo o Reino de Cristo na terra sob a liderança do papa de Roma e do rei de Portugal. O Jesuíta vivia ainda num “mundo encantado”, provavelmente mais do que a grande maioria dos seus contemporâneos cultos em Portugal e Espanha. Mas essa atitude crédula não o impedia de prestar a devida atenção às realidades terrestres; não lhe tolhia a atividade própria nem o inabilitava para discernir o valor de certas inovações e descobertas dos Tempos Modernos. Pelo contrário, Vieira não tinha ódio ao século em que nasceu³³, mas entusiasmava-se com diversas coisas modernas;

(33) Cf. Vieira, Sermão de São Pedro (Vol. VII p. 215-216 da *editio princeps*): “Grande he o odio que os homens tem à idade em que nacerão. Não dizião que Christo era hum Profeta como os Antigos, senão hum delles: unus de prioribus. Pois assim como antigamente ouve tantos Profetas, não poderia tambem agora haver hum? Cuidão que não. Por menor milagre tinhão resuscitar hum dos Profetas passados, que nacer em seu tempo outro como elles. [...] Ora, desenganem-se os idolatras do passado, que tambem no presente póde haver homens tão grandes como os que já forão, e ainda maiores”.

daí o seu constante empenho por fazê-las aceitas na sua pátria⁸⁴. Mas todas as idéias que defendia, inclusive as modernas”, integrava-as na sua visão sacral do mundo, e as armas com que as defendia, eram muitas vezes obsoletas e tiradas de um arsenal em que a Europa esclarecida começava a perder a confiança. Eis uma das suas grandes antinomias internas.

Neste trabalho, porém, não podemos aprofundar esta questão. O nosso tema é mais restrito e mais modesto. Queremos saber qual foi a atitude de Vieira perante os documentos históricos. Tinha ele — sempre no contexto da época — um espírito crítico no sentido filológico da palavra? Talvez seja pouco apropriado falarmos no “contexto da época”, porque também no que diz respeito ao avanço da crítica filológica e histórica, devemos fazer uma distinção entre a Europa além dos Pireneus e a Península. Os novos métodos que os sábios da França, Itália e Holanda estavam elaborando no terreno da filologia, haviam de ser aplicados só relutante e tardiamente em Espanha e Portugal. Feita esta distinção, podemos dizer que Vieira talvez não fosse muito mais crédulo em assuntos de ordem filológica, do que a grande maioria dos seus coevos cultos em Portugal⁸⁵. Mas existe uma diferença importante que os separa: a Vieira, o profeta de um milenarismo religioso e patriótico, todos os documentos em que julgava ler uma alusão ao Quinto Império, tocavam-lhe o coração, ao passo que, para muitos outros, não deveriam passar de curiosidades interessantes, piamente acreditadas, mas sem muita convicção pessoal, sem paixão, sem heroísmo, talvez com uma boa dose de ceticismo e, em alguns casos, com muito oportunismo. Nada disso com Vieira: o futuro glorioso da sua pátria era, para ele, uma verdade inabalável, que lhe invadira a alma, o espírito e a própria existência. A visão do Quinto Império era para ele uma verdade tão deslumbrante que, não raro, lhe chegava a ofuscar a lucidez natural, paralisando-lhe as faculdades críticas que mostrava possuir, tratando-se de outros assuntos. Com efeito, é difícil encontrar outro autor luso-brasileiro que combine tamanha extravagância de idéias fixas com um espírito tão lúcido.

(84) Cf. o meu trabalho: *António Vieira e a Holanda*, ap. *Revista da Faculdade de Letras* (de Lisboa), III 14 (1971) p. 33-34.

(85) Cf. Gregório de Almeida, *Restauração de Portugal Prodigiosa* (2 vols., Lisboa, 1643-1644); Nicolau Monteiro, *Vox Turturis, Portugalia Gemens, etc.* (Lisboa, 1649); António de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata* (Londres, 1645). Estes autores não foram os únicos que, na época da Restauração, acreditaram nas profecias de São Frei Gil, São Bernardo, Bandarra, etc.

São abundantes os documentos apócrifos que nos legou a Idade Média. Muitos deles foram desmascarados pelos humanistas, p.e. Erasmo, Lourenço de Valla; mas — coisa paradoxal! — a mesma época humanista deu origem, não só na Península Ibérica, mas também fora dela, a outro tipo de falsificações. Documentos menos ingênuos e mais eruditos, alguns dos quais conseguiram despistar os sábios durante várias gerações. Exemplos sejam a *História dos Babilônios de Beroso*³⁶, feita por Giovanni Annio de Viterbo, no fim do século XV; as *Profecias de Malaquias*³⁷, publicadas em 1595 pelo beneditino A. Wion; a *História Omnimoda* de Lúcio Dextro³⁸, forjada pelo jesuíta espanhol Jerónimo Román de la Higuera (1568-1611); os falsos documentos relativos aos tempos merovíngios, fabricados pelo oratoriano francês Jérôme Vignier (1606-1661), contemporâneo de Vieira. E todos conhecem sobejamente os documentos apócrifos que se encontram na *Monarchia Lusitana*, os fantasmas da historiografia portuguesa.

Essas falsificações têm para os modernos algo de chocante, ainda mais por serem obras de monges e sacerdotes, de quem esperamos alto grau de probidade intelectual. Mas é muito duvidoso que, para a consciência moral daquela época, a ética entrasse em assuntos deste gênero. Diz Joseph Hours: *Ne jugeons pas à la mesure d'aujourd'hui les faussaires de ces temps. Pour des esprits peu formés à l'observation, attribuant à ce qui est une importance bien moindre qu'à ce qui doit être, introduire dans les archives le document qui y manque malheureusement, n'est pas mentir, c'est au contraire rétablir une vérité supérieure*³⁹.

Seja como for, os falsários fizeram as suas vítimas em Portugal, sendo Antônio Vieira a mais notável entre elas. Vejamos alguns exemplos.

Vieira via na Restauração de Portugal um acontecimento milagroso, que desde muito tempo estava anunciado em diversos documentos: as profecias de São Frei Gil, o Juramento de D. Afonso Henrique, umas cartas de São Bernardo ao mesmo rei, e as trovas do Bandarra.

(36) Vieira menciona a *História* de Beroso p.e. HF p. 6 e p. 137.

(37) Vieira não menciona as profecias de Malaquias na HF, mas em outras obras, p.e. *Defesa* II p. 243 e na outra *Defesa* (ap. *Obras Escolhidas*, Vol. VI p. 101).

(38) Vieira não menciona explicitamente esta Crônica na HF; refere-se o editor de 1718 numa nota marginal, reproduzida pelas edições posteriores (cf. HF p. 248, nota).

(39) Joseph Hours, *Valeur de l'Histoire*, Paris, Presses Univ. de France, 1954, p. 26.

As profecias de São Frei Gil de Santarém são diversas vezes referidas por Vieira ⁴⁰. Na *História do Futuro*, uma delas vem a ser citada, que é uma clara referência ao domínio espanhol e à Restauração: *Lusitania, sanguine orbata regio, diu ingemiscet; sed propitius tibi Deus; insperate ab insperato redimeris*, palavras que Vieira assim traduz (HF p. 92): “Portugal, por orfandade do sangue de seus Reys, gemerá por muyto tempo; mas Deos lhe será propício, e não esperadamente será remido por hum não esperado”. E como foi remido por um “não esperado”? Nosso autor, sebastianista heterodoxo ⁴¹, dá esta resposta: “o Redemptor, pelo qual geralmente se esperava, era outro [sc. D. Sebastião], e não EIRey Dom João o IV”.

O Juramento de D. Afonso Henriques constitui a fase final e definitiva de uma longa evolução da “Lenda de Ourique”. Era a certidão de nascimento do Reino de Portugal e, ao mesmo tempo, a garantia divina do Império Lusitano; como tal, era uma arma poderosa, nas mãos dos Portugueses, contra as ímpias aspirações dos Castelhanos. Uma arma ideológica que os próprios Castelhanos levavam a sério. O grande adversário da causa lusitana, o polígrafo Juan Caramuel Lobkowitz, não se atrevia a negar-lhe a autenticidade, embora teimasse em considerar como fictícios os fatos milagrosos nele referidos ⁴². Vieira sabia disso, e aludindo ao livro *Philippus Prudens* de Caramuel, diz (HF p. 112): “O que Deos faz, só Deos o póde desfazer; o que elle levanta, só elle o póde derrubar. Bem sabe Castella (e sinal he que o sabe bem, pois chega ao confessar, e no mesmo anno em que Portugal se havia de libertar, o estamparão assim seus escritores ⁴³), bem sabe Castella, digo, que Portugal, com singularidade unica entre todos os reynos do mundo, foy Reyno dado, feyto e levantado por Deos naquelles mesmos campos e naquella mesma provincia, onde todos os annos trabalhão e batalhão os homens pelo derrubar, pelo desfazer e pelo tirar a quem foy dado”.

Para Vieira, o Juramento tinha o prestígio de um artigo de fé, vindo a ser inúmeras vezes citado por ele ⁴⁴. Não preci-

(40) Cf. Vieira, *Sermão dos Anos* (Vol. XI p. 409-410); *Sermão da Palavra Empenhada* (Vol. XIII p. 253-254); *Cartas* (Vol. III p. 527).

(41) Cf. José Lúcio de Azevedo, *A Evolução do Sebastianismo*, Lisboa, 1918, p. 64-65.

(42) O cisterciense Juan Lobkowitz Caramuel (1606-1682), que morreu bispo de Vigevano (na Lombardia), escreveu obras teológicas, moralistas, matemáticas e políticas. A esta última categoria pertence o seu livro: *Philippus Prudens* (Antuérpia, ed. Plantiniana, 1639), onde lemos (p. 121-122): *Probavi hoc instrumentum esse authenticum, hoc est indubitatae auctoritatis. [...] Lusitanorum non est probare hoc juramentum fuisse praestitum; hoc enim superius jam admisi; sed convincere veram fuisse istam apocalypsim; et quousque hoc probent, ne dicant a Deo immediate esse electos Monarchas Lusitanos.*

(43) Lapsos de Vieira: o livro de Caramuel saiu em 1639.

(44) Limitamo-nos aqui às referências na HF: p. 46-47; p. 60-61; p. 62-63; p. 93-94; p. 112-113.

samos deter-nos longamente no conteúdo do famoso documento. Todo o mundo sabe que o Ermitão de Ourique, na véspera da batalha contra os cinco reis mouros, teria aparecido a D. Afonso Henriques, dirigindo-lhe estas palavras de conforto (HF p. 93): “Senhor, estay de bom animo! Vencereis, vencereis e não sereis vencido; sois amado de Deos, porque poz sobre vós e sobre vossa descendencia os olhos de sua misericordia até a decima sexta geração, na qual se attenuará a mesma descendencia, mas nella attenuada tornará a pôr seus olhos”. Estas palavras dão a Vieira o ensejo de tecer um comentário engenhoso sobre a “décima sexta geração”, no qual prova que a profecia se cumpriu pontualmente na pessoa de D. João IV. Fértil em expedientes, conclui assim (HF p. 94): “Por outros modos tambem verdadeyros se faz esta mesma conta, mas este temos por mais natural, mais facil e mais confórme á mente da profecia e ás circumstancias, em que naquella occasião se fallava”. Vários métodos, e todos eles verdadeiros! Pouco lhe importava o método, contanto que o resultado obtido não contrariasse o dogma sebastianista. O seu confrade Gregório de Almeida, o autor do livro *Restauração de Portugal Prodigiosa*⁴⁵, aderia à mesma doutrina.

Os adeptos da Restauração prodigiosa ligavam também muita importância a algumas cartas — notoriamente apócrifas — que são Bernardo, o fundador dos Cistercienses, teria escrito ao seu amigo D. Afonso Henriques⁴⁶. Vieira cita uma delas por extenso (HF p. 94-95): “Dou as graças a V. Senhoria pela mercê e esmola que nos fez do sitio e terras de Alcobaça, para os Frades fazerem mosteyro, em que sirvão a Deos, o qual, em recompensação desta, que no Ceo lhe pagará, me disse certificasse eu da sua parte que a seu Reyno de Portugal nunca faltarião Reys Portuguezes, salvo se pela graveza de culpas por algum tempo o castigar; não será porém tam comprido o prazo deste castigo, que chegue a termos de sessenta annos”⁴⁷. O tom desta carta trivial está em tão flagrante opposição ao das cartas autênticas de São Bernardo, que causa espanto que Vieira, leitor das obras do abade de Clairvaux, não tenha escrupulos em atribuir-lhe um bilhete tão inepto. Mas a causa sa-

(45) G. de Almeida, *Restauração, etc.*, Vol. I p. 31-43 — Geralmente se admite que, sob o pseudônimo G. de Almeida, se esconde o jesuíta João de Vasconcelos (1592-1669), cf. Vieira, *Cartas*, II p. 38, e Monteiro, *Vox Turturis*, p. 70; outros porém, baseando-se no depoimento de Macedo, *Lusitania Liberata*, p. 753, acreditam que o livro é do jesuíta Manuel de Escovar (1587-1652).

(46) Três destas cartas apócrifas (não a carta que será citada no texto) entraram na edição das Obras de São Bernardo, reproduzida por Migne, PL 182, 512-513: 668-669; 675.

(47) O texto latino desta carta ap. Monteiro, *Vox Turturis*, p. 80.

grada que defendia, cegava-lhe a perspicácia. Além desta carta, Vieira refere outra ainda (HF p. 95), sem chegar a citá-la.⁴⁸

O Bandarrismo de Vieira é fato tão conhecido que não necessita de um longo comentário. Encontramo-lo exposto numa carta que o jesuíta, residindo ainda no Maranhão, escreveu a D. André Fernandes⁴⁹; igualmente, numa longa *Representação* redigida por ele na custódia do Santo Ofício⁵⁰. Nosso autor cita, em diversas cartas, trechos das trovas de Bandarra⁵¹, e ainda no fim da sua vida, torna a justificar a sua fé no visionário de Trancoso⁵². Também na *História do Futuro*, as profecias de Bandarra são algumas vezes mencionadas e até citadas. Mas o leitor atual procurará em vão essas referências e citações nas edições impressas da obra. É que o editor de 1718 as eliminou do seu livro,⁵³ às vezes, com pouca habilidade⁵⁴. Mas conservaram-nas alguns manuscritos. O Bandarrismo não podia faltar ao livro que tinha por fim fundamentar as esperanças de Portugal no Quinto Império do Mundo.

De acordo com uma lição de uma das trovas de Bandarra, “o ano de quarenta”⁵⁵ seria decisivo para os destinos de Portugal. Vieira cita duas vezes esta trova⁵⁶:

“Já o tempo desejado
he chegado,
segundo firmal assenta.
Já se cerrão os quarenta
desta era, que se emmenta
por hum Doutor já passado.
O rey novo he levantado,
já dá brado,
já assoma sua bandeyra
contra a Gripha parideyra,
logomeyra,
que taes brados tem gastado.
Saya, saya esse Infante
bem andante!
O seu nome he Dom João”.

- (48) Esta carta, cujo texto latino se encontra ap. Migne PL 182, 668-669, existe em tradução portuguesa ap. Almeida, *Restauração*, etc., Vol. I p. 70-71.
- (49) Vieira, *Esperanças de Portugal* (ap. *Obras Escolhidas*, Vol. VI p. 1-66).
- (50) Vieira, *Defesa*, I p. 50-220.
- (51) Vieira, *Cartas*, II p. 491-494; 497-499; 522-525; 544-546; *ibid.* III p. 67; 346; 395; 410.
- (52) Vieira, *Cartas*, III p. 749-760.
- (53) Cf. o meu trabalho: *Em torno da Editio Princeps do Livro Antepimeiro da História do Futuro*, ap. *Aufsätze zur Portugiesischen Kulturgeschichte*, X (1970), p. 57-59.
- (54) Uma exceção é a trova do Bandarra transcrita da obra de D. Juan de Horozco y Covarruvias: *Tratado de la verdadera y falsa profecia* (Segovia, 1588, f. 38 r-v); cf. HF p. 104.
- (55) O número “quarenta” era uma lição discutida entre os Bandarristas; D. João de Castro Ha: “oitenta”, no seu livro: *Paraphrase et [sic] Concordancia de algũas Prophecias de Bandarra, çapateiro de Trancoso* (Paris, 1603, f. 67v).
- (56) Deveriam encontrar-se na HF p. 96 e p. 106 (aqui em forma abreviada).

Tendo em vista esta trova, Vieira não hesita em dizer que os vaticínios do Bandarra, nos sessenta anos do domínio castelhano, tiveram para a vida nacional dos Portugueses a mesma importância que as profecias de Jeremias para os Israelitas no tempo do seu cativo. Diz ele (HF p. 47): “Lia-se nas celebradas trovas do Bandarra que o tempo desejado havia de chegar, e as esperanças delle se havião de cumprir no anno sinalado de quarenta”. E em outro passo (HF p. 64): “Finalmente, esta ultima resolução que no anno de quarenta assombrou o mundo, posto que muyto a devamos á ousadia do nosso valor, muyto mais a deve o nosso valor á confiança de nossa profecia”. Aos olhos de Vieira, pouco faltava ao sapateiro de Trancoso para merecer a honra de uma solene canonização.

A Restauração de Portugal não foi o único assunto que levou o nosso autor a apresentar documentos apócrifos; também na questão da chegada de São Tiago à Península Ibérica preveniu-se do mesmo gênero de armas.

O apóstolo São Tiago foi mesmo pregar o Evangelho a Espanha e Portugal? A lenda, outrora aceita sem reserva, começava a ser disputada na época de Vieira; impugnavam-na os hereges dos países nórdicos, e entre os católicos, até o erudito cardeal César Barônio manifestara a sua dúvida. Uma contestação que, para os Espanhóis, raiava pela blasfêmia, capaz de abalar os fundamentos do santuário do Apóstolo em Compostela e, ao mesmo tempo, os do templo de Santa Maria del Pilar em Saragoça. A lenda era também muito cara aos Portugueses. Ainda em pleno século XVIII, o acadêmico Manuel Caetano de Sousa escreveu uma obra volumosa em que defendia calorosamente a tese tradicional, publicando nela uma longa relação de autores espanhóis e estrangeiros que igualmente a tinham sustentado.⁵⁷

Vieira acreditava na lenda, chegando a relatá-la no último capítulo da *História do Futuro* (p. 244-249), a propósito de uma profecia de Abdias (v. 20): “Os deportados de Jerusalém, que residem no Bósforo, possuirão as cidades da Terra Austral”. Ora, onde a Vulgata lê: *Bosphorus* (= “Estreito”), o texto hebraico tem: *Sepharad* (= “limite, fim”). Cada um dos dois termos é muito apropriado para designar a Península Ibérica, separada, como é, do continente africano pelo “Estreito” de Gibraltar e chamada pelos Antigos “o fim” da terra (*Finis-terra*). Aliás, uma antiga tradição rabínica, que remonta aos

(57) Manuel Caetano de Sousa, *Expositio Hispanica Apostoli Sancti Jacobi Majoris asserta et ex Sancto Paulo confirmata*, 2 vols., Lisboa, 1727-1732. A relação dos autores encontra-se no Vol. II p. 1233-1580.

primeiro séculos da era cristã, localizou o *Sepharad* da profecia em Espanha, identificação adotada por diversos exegetas cristãos. Daí vem o costume de designar os Judeus portugueses e espanhóis com o nome de “Sefardins” e “Sefárdicos”.

Na opinião de Vieira, que, neste ponto, segue uma antiga tradição tanto em voga entre os Judeus como entre os cristãos “hebraizantes”, estes Sefardins ter-se-iam estabelecido em Espanha numa época muito anterior ao nascimento de Cristo, de modo que “não tiverão parte na morte de Cristo e conservarão sua antiga nobreza” (HF p. 245-246). A data da sua deportação seria o reinado do rei Nabucodonosor (século VI a.C.), o qual, segundo diz uma tradição muito duvidosa⁵⁸, teria conquistado uma parte da Península Ibérica, levando consigo para lá uma grande parte de Judeus. Entre os Judeus deportados se acharia um certo Malaquias ou Samuel, que, tendo falecido em Braga, seiscentos anos depois havia de ser ressuscitado pelo apóstolo São Tiago, que dele fez o primeiro arcebispo de Braga e lhe deu o nome de Pedro. Para provar a historicidade deste lendário “São Pedro de Rates”, Vieira recorre à autoridade de uma carta obviamente apócrifa, atribuída a um certo Atanásio, bispo lendário de Saragoça⁵⁹ (HF p. 248); a pretensa carta do pretenso prelado não passa de uma falsificação forjada pelo jesuíta espanhol Bartolomeu André de Olivença, em estreita colaboração com outro jesuíta espanhol, Jerónimo Román de la Higuera, que já conhecemos como o forjador da Crónica *Historia Omnimoda* de Lúcio Dextro.

Ao lermos os comentários de Vieira a esses documentos de mau calibre, ficamos oscilando entre duas espécies de assombro: assombro ante a sua “agudeza” em muni-los de um comentário engenhoso, assombro ante a sua ingenuidade em ousar apresentá-los. É-lhe alheia toda e qualquer dúvida ou hesitação diante de um documento, seja autêntico, seja apócrifo, desde que lhe sirva para comprovar uma verdade que lhe parece indubitável ou para apoiar uma aspiração que lhe parece justa e legítima. Vieira zomba, com razão, das especulações teóricas dos antigos filósofos e Padres da Igreja, que negavam (ou

(58) A tradição baseia-se exclusivamente numa notícia de Megástenes, cf. notas 101-103.

(59) Este Atanásio teria declarado: *Ego novi Sanctum Petrum primum Bracharensem episcopum, quem antiquum Prophetam suscitavit Sanctus Jacobus, Zebedaei filius, magister meus; hic venerat cum duodecim tribubus missis a Nabuchodonosore in Hispaniam Hierosolymis duce Nabucho-Cerdam vel Pyrrho, Hispanorum praefecto. Dictus est hic Propheta Samuel Junior vel Malachias Senior propter morum gravitatem et vultus pulchritudinem, Uriae Prophetae filius. Factus episcopus, multos Judaeorum ad fidem convertit, dicens se venisse cum illorum majoribus et praedicasse transmigratis.* — Este depoimento também se lê ap. D. Rodrigo da Cunha. *Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga...* (Braga, 1634, p. 72), obra referida por Vieira, HF p. 247.

punham em dúvida) a existência dos Antípodas; diz ele (HF p. 205): "... este he o mayor louvor da nossa nação [...] que chegaram os Portuguezes com a espada onde Santo Agostinho não chegou com o entendimento"^{59a}. A frase revela um espírito positivo, uma desconfiança de métodos puramente dedutivos, e uma exortação a tentar cada vez novas experiências. Tudo isso é moderno; seria um absurdo negar esse mérito ao nosso autor. Mas no terreno da filologia e da história, Vieira mostra em geral que seu espírito positivo ou científico é quase inexistente. Não tem a humildade de escutar o que o documento quer dizer, nem a preocupação de se eliminar a si próprio na medida do possível; pelo contrário, força-o a dizer o que dele espera. Tal atitude não prova a desonestidade do nosso autor, mas ilustra bem que ele ainda vivia na época pré-filológica.

Voltemos ao versículo de Abdias: "Os deportados de Jerusalém, que residem em *Sepharad*/no Bósforo, possuirão as cidades da Terra Austral". Uma vez dada a identificação de *Sepharad* com a Península Ibérica, não custa muito a Vieira provar que o profeta Abdias vaticinou os descobrimentos dos Portuguezes na época moderna. Diz ele (HF p. 248-249): "...São Pedro de Rates [...] foy a pedra fundamental, depois do sagrado Apostolo, da Igreja de Portugal. Os filhos desta Igreja [...] dominarão com os estandartes della as cidades e regiões do Austro, que são propriíssimamente as que correm de huma e outra parte do Oceano Austral: á parte direyta pela costa da America ou Brasil, e á esquerda pela costa de Africa ou Ethiopia. [...] Assim se cumprio nos Portuguezes a profecia de Abdias. [...] E esperamos que seja novo complemento della o dominio da terra incognita, geralmente chamada *Terra Austral*".

Aliás, sempre segundo Vieira, a Bíblia abunda em alusões às façanhas do povo português. Os Salmos, o Cântico dos Cânticos, os profetas Habacuque e Sofonias, o Apocalipse referem-se inúmeras vezes à grande epopéia lusitana. Mas ninguém falou com maior clareza neste assunto do que o profeta Isaías, "o qual verdadeiramente se póde contar entre os cronistas de Portugal, segundo falla muytas vezes nas espirituas conquistas dos Portuguezes e nas gentes e nações, que por seus prégadores se convertêrão á Fé" (HF p. 244; cf. p. 220).

(59a) A mesma idéia encontra-se em diversas obras de Vieira, cada vez, um pouco variada, p.e. *Sermão de Santo António em Roma* (Vol. II p. 140); *Sermão da Terceira Domingo do Advento* (Vol. V p. 112-113); *Defesa* (ap. *Obras Escolhidas*, VI p. 156).

Vieira aduz numerosos textos desse “cronista de Portugal” para ilustrar a sua tese. O termo: *de terra Australi* (Is. 49,12), na Vulgata latina, é a tradução das palavras: *de terra Sinim*, no texto original, uma clara referência aos Chineses, povo descoberto pelos Portugueses (HF p. 220-221). O verso: “Em vós se povoaráõ os desertos dos séculos” (Is. 58,12) preconiza a obra colonizadora do Infante D. Henrique (HF p. 226-230). As palavras iniciais do capítulo 18 do mesmo profeta descrevem, em todos os seus pormenores, a situação miserável dos Maranhenses antes da chega dos Portugueses (HF p. 230-244).

Levaria muito tempo acompanharmos Vieira nestas exposições tanto eruditas como engenhosas. Uma observação, porém, se impõe: ele não foi o inventor deste gênero de exegese. Vários autores tinham-lhe preparado o caminho, tais como (na Península) Arias Montano, Frei Luís de León, seu sobrinho Frei Basílio Ponce de León, José de Acosta, Amador Rebelo, Tomás Malvenda, etc., e (fora de Espanha e Portugal), o Italiano Tommaso Bózio, os Flamengos Cornélio à Lápide e Frederico Lúmnio, todos eles referidos por Vieira (HF p. 233). A idéia nascera, salvo erro, em Castela, sendo o resultado da exegese “histórica” da Bíblia, bastante comum no fim da Idade Média, que via em diversos textos sagrados a história profética da Igreja e da Cristandade. A moda foi adotada (e adaptada) por diversos exegetas portugueses, que não tardaram a entrar numa discussão patriótica com os seus vizinhos se um determinado texto devia ser interpretado em sentido “lusitanista” ou “castelhanista”. Foram poucos os comentadores ibéricos que conseguiram manter-se distantes de tal interpretação pretensamente histórica da Bíblia, que, na realidade, era muito “triumfalista”. Entre eles se destaca a figura do jesuíta espanhol Gaspar Sánchez, autor referido por Vieira (HF p. 260), que escreve no seu Comentário ao profeta Isaías: “Parece-me estranho o que vários autores espanhóis disseram acerca desta profecia, não porque, creio eu, pensem realmente assim, mas porque se deixam arrebatados pelos seus sentimentos patrióticos, excedendo a medida do que nos quer comunicar o texto sagrado”⁶⁰.

Mas esta advertência foi a voz de quem clamava no deserto. A interpretação ‘descobrimetista’ da Bíblia prosseguiu

(60) Gaspar Sanctius, *In Isaiam Prophetam Commentarii cum Paraphrasi*, Lyon, Cardon, 1616, p. 196. — Gaspar Sánchez ou Sanctius viveu de 1554 a 1628.

triunfantemente o seu caminho. O clima em Espanha e Portugal ainda não estava próprio para se submeter às normas severas da crítica filológica.

III

A "ACRIBIA" DE VIEIRA

A palavra grega "acribia" (ἀκριβεια) quer dizer, de um modo geral, "precisão, exatidão"⁶¹, sendo que o termo, nas línguas modernas, quase exclusivamente se emprega para designar "a precisão" em assuntos filológicos ou, digamos, "o rigor filológico". Este rigor abrange várias coisas. Uma delas é fundamental: é o respeito incondicional aos documentos, o qual implica p.e., o escrúpulo de nada afirmar que não seja abonável, o de alegar os textos de outros autores na sua forma mais autêntica possível, e o de expor fielmente o pensamento alheio, sem se lhe torcer o sentido. Outras coisas próprias da "acribia" são, por assim dizer, mais "instrumentais", tendo por fim o de permitir ao leitor o controle pessoal das afirmações feitas pelo autor; tais instrumentos são p.e. uma bibliografia metódica e uma indicação sistemática dos textos alegados. O filólogo moderno não se julga um garimpeiro escondedor dos tesouros achados, mas um guia que anima os seus leitores a observá-lo a cada passo, e a controlar todos os trechos do caminho percorrido por ele. A "acribia", já preconizada e praticada pelos filólogos de Alexandria, é, na sua forma atual, um produto das escolas dos humanistas: foram eles que formularam os princípios e elaboraram os métodos práticos da filologia moderna, iniciando um processo que, no decurso dos séculos, se foi aperfeiçoando cada vez mais.

Nesta terceira parte do nosso trabalho queremos examinar até que ponto Vieira praticou a virtude filológica de "acribia". Foi metuculoso em indicar as fontes consultadas? Teve o cuidado de controlar, nas obras originais, os textos citados? Foi fiel em apresentar as opiniões de outros autores? Teve um grande respeito ao que diziam, ou queriam dizer, os seus documentos? Também aqui devemos limitar-nos a alguns exemplos ilustrativos que se encontram na *História do Futuro*. Dir-se-á que esta obra não é um tratado filológico ou histórico, destinado a um pequeno grupo de especialistas, mas uma obra literária que se dirige ao público culto de Portugal. Todavia não

(61) A palavra relaciona-se com os vocábulos latinos *cribum* ("crivo"), *crimen* ("acusação") e *discretus* ("discreto").

devemos esquecer que, para Vieira, a *História do Futuro* era muito mais do que uma obra meramente literária. Era um livro exegético que, com fortes acentos polêmicos, sustentava uma tese nova e bastante complexa. É verdade que o autor nele não se dirigia à classe dos exegetas profissionais, mas a um público maior: essa circunstância explica a elaboração literária da obra. Não queria apenas convencer os seus leitores, também queria empolgá-los, comovê-los, seduzi-los e, de vez em quando, admoestá-los e exortá-los, valendo-se de todos os meios da sua arte retórica: digressões, amplificações, metáforas, narrativas, etc. Muitas páginas da obra não passam de declamações — algumas impressionantes e inspiradas, outras enfáticas e um pouco empoladas —; às vezes, temos a impressão de estarmos ouvindo um discurso ou sermão, não a de termos nas mãos um tratado científico. Entretanto Vieira nunca perde de vista o seu grande intento, que é a exposição e o desenvolvimento da sua tese. Empenhado em corroborá-la e defendê-la, comunica-nos o resultado das suas longas investigações, alega constantemente as opiniões de outros autores para aprová-las ou refutá-las, e lardeia o seu discurso de numerosas referências e alusões eruditas. A *História do Futuro* não é um ensaio literário, mas um tratado exegético.

Começando o nosso exame, devemos dizer que Vieira cometeu numerosos lapsos. Muitos deles são descuidos de somenos importância, isto é, não chegam a afetar a tese do livro. Mas esses descuidos são tão freqüentes que nos impedem de ter grande estima pela sua "acribia". Simples falta de tempo, ou desleixo da parte do autor? Provavelmente, os dois fatores juntos são responsáveis pelos deslizos. As circunstâncias em que o jesuíta vivia, não lhe deixavam o tempo necessário para redigir com vagar uma obra ideada, mas parece também que ele nunca se esforçou seriamente para criar circunstâncias mais favoráveis às suas atividades de autor. No fundo, Vieira era improvisador e polemista. Tinha uma grande facilidade de conceber uma obra, mas a ela não correspondia a mesma facilidade de a levar a cabo e rematar em todos os pormenores. Para se pôr ao trabalho de escritor, precisava de quem o provocasse ou atacasse. Era um homem de ímpetos e raptos, não de trabalho assíduo e metódico.

Vejamos alguns lapsos de Vieira. Ele considera o Infante D. Henrique como "filho último"^{61a} de D. João I (HF p. 63); na realidade, o rei teve ainda quatro filhos depois dele: D. Branca (morreu menina), D. Isabel (a esposa de Filipe o

(61a) O editor de 1718, vendo o lapso, riscou a palavra "último".

Bom), D. João (“o Condestável”) e D. Fernando (“o Infante Santo”).

Para Vieira, Ferdinando Vellosillo, o autor das *Theologiae Scholasticae Advertentiae* (Alcalá, 1598), era bispo de Luca na Itália (HF p. 196); se tivesse lido o Prólogo, poderia saber que Vellosillo era bispo de Lugo na Galiza, dignidade que devia a Filipe II de Espanha.

O autor “Gabriel Palacio” (HF p. 241), que escreveu um comentário às profecias de Isaías (Salamanca, 1572), chama-se, na realidade, “Miguel (ou Michael) de Palacio”⁶².

Vieira diz (HF p. 108) que os “filhos do Sol” escalaram o Olimpo para destronar Júpiter; segundo a mitologia clássica, foram os “filhos da Terra”.

Em outro passo diz Vieira (HF p. 30): “Como na terra do Egypto não chove jámais e se regão e fertilizão os campos com as inundações do rio Nilo, disse discretamente Plínio que só os Egypcios não olhavão para o ceo, porque não esperavão de lá o sustento, como as outras nações”. A indicação “Plínio” é bastante vaga, ainda mais porque houve dois Plínios: o naturalista e (seu sobrinho) o epistológrafo. Plínio o Velho não tem nada que apresente alguma semelhança com a frase citada. Plínio o Moço diz, no seu Panegírico (cap. 30), que certo ano, tendo as águas do Nilo deixado de subir, “os egípcios em vão olharam para o céu”. Como se vê, esta frase não diz exatamente o que Vieira lhe atribui no trecho alegado, mas contém uma alusão a um dito quase proverbial entre os romanos, que se encontra p.e. em *Sêneca*: <in Aegypto> *nemo aratrorum respicit caelum* (Sen. Nat. Quaest. IV 2,2). É possível que Vieira encontrasse esta referência e outras num comentário ao Panegírico de Plínio,⁶³ chegando a confundir os autores.

Quanto aos nomes italianos em *-i*, Vieira tem o mau hábito de lhes dar invariavelmente a desinência em *-o*, p.e. Luigi Lipomano (HF p. 141) por *-mani*; Ulisses Aldrovando (HF p. 221 e 223) por *-vandi*; Antonio Caracciolo (HF p. 247) por *-ioli*; Santes Pagnino (HF. p. 243 e 245) por *-gnini*. É quase certo que de alguns desses autores (p.e. Aldrovandi e Pagnini) nunca teve nas mãos um livro original, conhecendo-os apenas indiretamente.

No capítulo VI da *História do Futuro*, encontramos um longo episódio consagrado à vida e ao Império de Alexandre

(62) O mesmo erro ap. Vieira, *Defesa*, I p. 245 e p. 259.

(63) A edição poderia ser a de J. M. Catanaeus (Genebra, 1648).

Magno; ao escrevê-lo, Vieira tirou grande proveito do comentário de Cornélio à Lápide ao profeta Daniel, cujas informações são geralmente seguras. Onde porém se afasta desta fonte, comete diversos erros, dizendo p.e. que Alexandre chegou “até os fins do Ganges” (HF p. 57), ao passo que, na realidade, ficou muito distante deles; que travou uma batalha do Tigranes (HF p. 57), erro por “Tigres” (Tigranes foi um rei da Armênia, que viveu uns 250 anos depois de Alexandre); que o oráculo de Delfos tinha prometido o Império de Ásia a quem cortasse o nó górdio (HF p. 55), mas as fontes falam em antigos oráculos indígenas, isto é, situados na Ásia Menor.

Um lapso curioso é a data do descobrimento do Brasil: Vieira situa-o no ano de 1501 (HF p. 244), que, quanto eu saiba, não ocorre em nenhum outro autor. É verdade que todas as edições impressas e os dois manuscritos disponíveis⁶⁴ da *História do Futuro* lêem “no ano de 1550”, em lugar de 1501. Mas aquela data é impossível, devendo ter a sua origem na grafia romana (MDI), que um dos primeiros copistas do texto, talvez o próprio amanuense de Vieira, tomou por MDL. Por que é impossível a data de 1550? Em primeiro lugar, é difícil admitirmos um erro tão crasso numa matéria que tanto interessava ao autor; segundo, também na *Representação* ocorre o ano de 1501 como data, não uma vez, mas duas vezes⁶⁵; terceiro, lemos (HF p. 244) que o Maranhão foi conquistado por Alexandre de Moura em 1615, ou seja, 114 anos depois do desembarque de Cabral. As edições têm aqui: “65 anos depois”, mas este número não passa de uma correção feita pelo primeiro editor, que tomou a lição errônea “1550” como ponto de partida.

Quanto à indicação dos textos citados e outras referências, encontramos na *editio princeps* 315 notas marginais, que chegaram a ser reproduzidas, pela maior parte, nas cinco edições posteriores da *História do Futuro*. Um estudo minucioso destas notas revela-nos, porém, que quase todas elas são do editor de 1718, e muito poucas (4%) do autor⁶⁶. Vieira era bastante parco em pôr notas marginais, como nos mostra o estudo dos seus autógrafos. Por outro lado, costumava dar indicações bibliográficas no corpo do texto, mas, infelizmente, com pouco sistema. Em alguns raros casos, a sua indicação é muito precisa a ponto de nada dar a desejar, p.e.: “Don Juan de Palafox y Mendoza, Obispo de la Puebla de los Angeles, del Consejo Su-

(64) Os dois manuscritos que trazem o texto (quase) completo da HF são: ms. 382 da Livraria da Torre do Tombo, e ms. 777 da Biblioteca Pública Municipal do Porto.

(65) Vieira, *Defesa*, II p. 245 e p. 259.

(66) Cf. o meu trabalho: *As notas marginais*, etc. p. 105-107.

premo de Aragon, na sua *Historia Real Sagrada* [...] diz assim no livro segundo, página 88..." (HF. p. 100). Outras indicações são menos precisas, mas suficientemente explícitas para poderem orientar um leitor experimentado no sentido de achar o texto citado com algum trabalho, p.e.: "O fundamento que tenho para assim o dizer, porey aqui com as palavras do arcebispo D. Rodrigo da Cunha, o qual, na primeyra parte da *Historia Ecclesiastica Bracharensis*, [...] diz desta maneyra..." (HF p. 247). Mas acontece também que a indicação é muita vaga, deixando todo o trabalho de achar o texto ao leitor, p.e.: "Mas notou Santo Agostinho que não disse Christo "as velhas e as novas", senão "as novas e as velhas", dando o primeyro lugar ás novas, porque as avaliou a Suma Justiça pelo merecimento e não pelo tempo: *Non dixit vetera et nova, quod utique dixisset...*" (HF p. 177).

Há também indicações erradas no corpo do texto. Diz Vieira, depois de citar um texto do profeta Daniel (Dan. 3,98): "E o mesmo Daniel [...] diz assim no mesmo capítulo..." (HF p. 21); esta segunda citação não se encontra no capítulo terceiro, mas no seguinte (Dan. 4,19). Vieira faz igualmente erros em indicar determinados passos da sua obra. Damos aqui só dois exemplos. Falando da composição e estrutura da *História do Futuro* propriamente dita⁶⁷, ele diz: "Divide-se a *História do Futuro* em sete partes ou livros. No primeyro se mostra que ha de haver no mundo hum novo Imperio; [...] no quinto, em que terra; no sexto, em que tempo" (HF p. 19). Sabemos, porém, pelo *Plano* da obra, que chegou até nós em alguns manuscritos⁶⁸, que o quinto livro devia tratar do tempo, e o sexto da terra em que se havia de instaurar o Reino de Cristo no mundo. Em outro passo lemos: "No capitulo oytavo se verá que sem atrevimento ou demasiada confiança podemos chamar a esta nossa *Historia do Futuro* Livro Santo..." (HF p. 44); acontece, porém, que o referido assunto não é tratado no capítulo oitavo, mas no nono, onde Vieira diz: "... grande parte da *Historia do Futuro* igualará na verdade e na certeza, ou (por melhor dizer) se não distinguirá dellas [sc. as histórias sagradas], por ir toda (como vay) não só fundada nos mesmos

(67) A *editio princeps* de 1718 e as edições posteriores (cf. nota 3) dá apenas o texto—e ainda incompleto—do chamado *Livro Antepimeiro* da HF; a HF propriamente dita devia compor-se de sete livros: Vieira não conseguiu executar o plano deste *opus magnum*. Nos maços que constituem os "apensos" ao Processo Inquisitorial de Vieira (Torre do Tombo, n.º 1664) ainda se conservam alguns capítulos desta obra, editados por J. Lúcio de Azevedo (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1918) e, depois, reproduzidos por H. Cidade (nas *Obras Escolhidas*, Vol. IX).

(68) O *Plano* foi publicado por J. Lúcio de Azevedo, na sua ed. da HF propriamente dita (p. 137-143) e por H. Cidade (ap. *Obras Escolhidas*, Vol. IX p. 161-170).

textos e sentença da Escritura Divina, mas formada e como tecida delles” (HF p. 135).

As indicações bibliográficas de Vieira são, portanto, além de pouco coerentes e metódicas, muitas vezes vagas e, não raro, errôneas. Também topamos num caso de grave omissão. Trata-se daquela parte do livro em que o autor defende, com muito talento e grande eloquência, a idéia do Progresso, antecipando assim a célebre *Querelle des Anciens et des Modernes*. São talvez as páginas mais frescas da obra inteira, que continuam ainda muito interessantes também para um leitor moderno. Nelas lemos numerosos textos tirados de autores eclesiásticos e profanos. Uma variedade e riqueza de citações que não deixa de impressionar-nos. Uma cultura verdadeiramente espantosa! Mas o nosso espanto vai diminuindo na medida em que formos descobrindo que uns quarenta destes textos se encontram, bem arranjadinhos, em algumas páginas da obra *Anteloquia*⁶⁹ do jesuíta irlandês Paulo Sherlogo⁷⁰. E coisa estranha!, Vieira, geralmente tão escrupuloso em mencionar (embora com o pouco método que lhe é peculiar) as suas fontes, parece que nestas páginas tudo fez para evitar a menção da rica mina que se lhe deparou no livro do seu erudito confrade.

A dependência é óbvia: salvo uns poucos casos, em que Vieira corrigiu os textos citados por Sherlogo, chegando a controlá-los na fonte, podemos verificar que ele, em geral, os reproduziu com as mesmas omissões, as mesmas gralhas, os mesmos erros, inclusive os erros nas referências bibliográficas. Diz o nosso autor: “E Marcos Tullio, formando hum perfeyto orador no livro *De Oratore*...”⁷¹ (HF p. 162), passo transcrito de Sherlogo que diz: *Marcus Tullius De Oratore*^{71a}. Todavia, a frase de Cícero, que depois vem a ser citada pelos dois autores, não consta na obra *De Oratore* (a qual, de fato, tem por fim “formar hum perfeyto orador”), mas na obra *Orator* (um livro polêmico do mesmo autor). Mais evidente ainda é a dependência em três casos, em que Sherlogo⁷² alega certas frases enérgicas de São Jerônimo, considerando-as como fazendo parte da obra *Apologia adversus Rufinum*; na realidade, os três textos alegados ocorrem em outras obras. Ora, onde Sherlogo se

(69) Paulus Sherlogus, *Anteloquia*, etc., p. 148-164. — Quanto a esta obra, cf. nota 15.

(70) Paulo Sherlogo (1595-1646), jesuíta irlandês, que passou quase todos os anos da sua vida em Espanha, onde estudou (e, depois, ensinou) em Salamanca, Valhadelide, Santiago de Compostela, etc.

(71) H. Cidade, na sua ed. da HF, corrigiu *De Oratore* para *Orator*, como, aliás, costuma “corrigir” as citações de Vieira pelo texto da fonte.

(71a) P. Sherlogus, *Anteloquia*, etc., p. 162,2.

(72) Os três casos (na mesma ordem) ap. Sherlogus, *Anteloquia*, etc. p. 162,1; p. 158,2; p. 158,2.

enganou, Vieira também se engana, escrevendo: “Acodia São Jeronymo á queyxa da sua nova versão, e diz assim contra Rufino...” (HF p. 160); “Na *Apologia* acima citada contra Rufino, escreve o santo Doutor...” (HF p. 166); e, finalmente, na mesma página: “e convertendo-se no fim < da *Apologia* > contra os vituperadores dos inventos novos...”.

A dependência não é apenas patente na indicação das fontes, mas igualmente na apresentação dos textos. Ao adotar um texto citado por Sherlogo, Vieira geralmente não se dá ao trabalho de averiguá-lo na obra original, mas contenta-se em copiá-lo, tal como o encontrava no livro do seu confrade. Escreve, com ele, num trecho de Cícero: *in philosophicis*⁷³ (palavra escolástica, não clássica), em lugar de: *in philosophia* (HF p. 162). Do mesmo modo, num trecho do autor espanhol Melquior Cano, escreve: *conscientiam*⁷⁴, em lugar de: *constantiam* (HF p. 196); e, num trecho de Santo Agostinho: *proscidendae*⁷⁵, em lugar de: *praescidendae* (HF p. 198). Não quero deter-me mais na exposição deste assunto, ao qual já consagrei um estudo monográfico numa revista portuguesa⁷⁶.

Também julgo poder passar em silêncio uns casos em que Vieira cometeu pequenas inexatidões por citar de cor⁷⁷. Só quero chamar a atenção para um caso de interesse maior. Trata-se de um passo em que Vieira diz que houve reis que taparam a boca aos oráculos porque temiam ouvir-lhes dizer a verdade (HF p. 11), ilustrando esta afirmação com os seguintes versos latinos:

[...] *Cessant oracula Delphis,
Sed siluit, postquam reges timuere futura,
Et superos vetuere loqui...*

Vieira atribui este texto ao “satyrico”, que deve ser o poeta latino Juvenal. Com efeito, este diz:

[...] *quoniam Delphis oracula cessant,
Et genus humanum damnat caligo futuri*⁷⁸.

(73) H. Cidade corrigiu esta palavra para: *in philosophia*.

(74) H. Cidade corrigiu esta palavra para: *constantiam*.

(75) H. Cidade escreveu: *proscidendae*.

(76) J. van den Besselaar, *António Vieira e Paulo Sherlogo*, ap. *Ocidente*, LXXXIII (1972), p. 17-41.

(77) Só alguns exemplos: HF p. 12, Vieira escreve: *Divisum est regnum a te, et dabitur Medis et Persis* (onde H. Cidade lê com a Vulgata: *Divisum est regnum iuum, et datum est Medis et Persis*); HF p. 139: *erat lucerna lucens et ardens* (Vulgata: *ardens et lucens*); HF p. 148: *ad tempus constitutum* (Vulgata: *ad tempus statutum*).

(78) *Juvenalis, Satirae*, VI 555-556.

Mas dois dos três versos citados não são do poeta satírico Juvenal, e sim, do poeta épico Lucano, que diz:

[...] *Non ullo saecula dono
Nostra carent majore deum, quam Delphica sedes
Quod siluit, postquam reges timuere futura
Et superos veture loqui...*⁷⁹.

O que Vieira escreve não passa, portanto, de um arranjo mal feito de três versos heterogêneos. Será que os encontrou, com as mesmas incorreções, num “centão” (*cento*), muito em voga na época do Barroco? A hipótese parece legítima. Um feliz acaso, porém, forneceu-me a chave do enigma. Ao folhear a *Chronographia* do autor francês Gilberto Genebrardo, obra referida algumas vezes por Vieira⁸⁰, encontrei os três versos, exatamente na mesma forma, com a única diferença de que o Francês distingue a frase de Juvenal das duas de Lucano⁸¹. Assim temos mais uma prova de que Vieira não hesitava de citar textos em segunda-mão.

Deixando estas minúcias, passemos a ver agora a maneira como Vieira apresenta aos seus leitores as opiniões de outros autores. Também aqui devemos limitar-nos a uns poucos exemplos significativos.

Nosso autor cita um texto de Isaías (Is. 60, 8-10), que começa assim: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant et quasi columbae ad fenestras suas?* Interpretando-o como uma referência ao descobrimento das Índias Ocidentais, vê nas palavras: *quasi columbae* uma alusão ao nome de Cristóvão Colombo e diz: “Nestas palavras está profetizada admiravelmente a conversão das Índias Occidentales; assim as explicou o mesmo Cornelio, Bozio, Aldrovando e outros” (HF p. 222). Quem, na realidade, deu esta explicação, foi só Tomás Bózio⁸²; Aldrovandi citou as palavras deste autor por extenso⁸³, e Cornélio resumiu-as sucintamente. O acréscimo: “e outros” é pura fantasia de Vieira.

(79) Lucanus, *Pharsalia*, V 111-114.

(80) P.e. na *Defesa*, I p. 224-225. — Gilbert Génébrard ou Gilbertus Genebrardus (1537-1597), beneditino francês e, durante algum tempo, bispo de Aix-en-Provence, escreveu obras históricas e exegéticas.

(81) Gilbertus Genebrardus, *Chronographiae Libri IV*, Paris, 1604, p. 231.

(82) Tommaso Bozio ou Thomas Bozius (1548-1620), sacerdote italiano do Oratório, escreveu diversas obras, das quais *De Signis Ecclesiae* (Roma, 1591) é a mais conhecida. A explicação do nome de Colombo encontra-se nesta obra (Vol. II p. 319).

(83) Uliases Aldrovandi (1522-1605), naturalista e médico italiano, autor da obra: *Ornithologia, hoc est, De Avibus Historiae* (3 vols., Bolonha, 1599-1603). O passo relativo a Colombo encontra-se no Vol. II p. 212 da ed. de Francfurt (1610-1635).

Semelhante fantasia ocorre em outro passo, onde Vieira diz: “Assim o cuydou Tales Milezio, hum dos sete sabios de Grecia, com muytos outros filosofos, os quaes referião os tremores da terra á inconstancia deste fundamento [sc. a água], de sua natureza tão pouco solido” (HF p. 207). Quais são esses “muytos outros filosofos”? Aristóteles⁸⁴ e Sêneca⁸⁵, que comentam e combatem esta teoria de Tales, não mencionam filósofo algum que a tenha defendido. Esses outros filósofos existem só na imaginação de Vieira, autor sempre inclinado a exagerar. O jesuíta Jean Lorin que, neste caso, é sua fonte direta⁸⁶, consegue manter-se distante de tal procedimento mais retórico que científico.

A propósito de um texto de Isaías⁸⁷, Vieira diz que os novos intérpretes tendem a aplicá-lo às terras recém-descobertas pelos Espanhóis e Portugueses.. Mas nem todos concordam na identificação exata desta terra misteriosa, descrita em termos obscuros pelo profeta. Alguns pensam na Índia Oriental (p.e. Malvenda, Mendocça⁸⁸ e Rebelo⁸⁹); outros preferem a Índia Ocidental. Esta segunda interpretação é a de Vieira, que diz: “Joseph da Costa [...], Ludovico Legionense⁹⁰, Thomás Bozio, Arias Montano, Frederico Lumnio, Martim del Rio e outros dizem (e bem) que fallou Isaías da America, e Novo Mundo, e se prova facil e claramente...” (HF p. 233). A frase que acabamos de citar, formiga de inexatidões, as quais legitimam a hipótese de que Vieira nunca viu os passos nas obras dos referidos autores; é um mau resumo de um parágrafo redigido com muita precisão por Cornélio à Lápide (Is. 18, 1-2). Dos autores mencionados por Vieira só José de

(84) Aristoteles, *De Caelo*, II 13, 7-8.

(85) Seneca, *Nat. Quaest.*, III 14 e VI 6.

(86) J. Lorinus, *Comm. in Librum Psalm.*, Vol. I p. 417-418 (cf. nota 10).

(87) Isaías 18, 1-2: “Ai da terra que ressoa o ruído de asas, que está além dos rios da Etiópia; a qual envia embaixadores por mar, e em barcos de junco sobre as águas. Ide, mensageiros velozes, a uma nação dividida e despedaçada, a um povo terrível, o mais terrível de todos; a uma nação que está esperando e que é calcada aos pés, cuja terra é cortada pelos rios”. — A exegese tradicional, bem como a moderna, vê nessas palavras uma ameaça dirigida contra os Etiópios e Egípcios.

(88) Francisco de Mendocça (1573-1626), jesuíta português e professor na Universidade de Évora. Na sua obra: *Commentarii in Quatuor Libros Regum* (Lyon, Cardon, 1622, p. 373-374) Mendocça elogia a obra evangelizadora dos reis portugueses no Oriente, exaltando sobretudo a figura de São Francisco Xavier.

(89) Francisco Rebelo († 1608), igualmente jesuíta português e professor na Universidade de Évora. Escreveu: *Opus de Obligationibus Justitiae, Religionis et Caritatis* (Lyon, Cardon, 1608), em que diz (p. 885): *Spiritus Sanctus enim Isaiae 18 caput ad litteram conquestionem istam et conversionem Orientis eleganter ad caelum usque extollit et cordi sibi esse ostendit, ipsos vero conquistores Lusitanos suis coloribus divino penicillo depingit. ...*

(90) Ludovico Legionense é o nome latinizado de Frei Luía de León.

Acosta⁹¹ e Frederico Lúmnio⁹² aplicam o texto de Isaías à América. Frei Luís de León aplica-o a Espanha⁹³; Tomás Bózio, às duas Índias⁹⁴; Arias Montano⁹⁵, bem como Martín Delrío⁹⁶, à Índia Oriental. Quanto ao termo: “E outros” — palavra que Vieira emprega invariavelmente nesses casos —, não podemos dizer se, para Vieira, eram autores fantasiados ou reais. Poderíamos pensar em Juan Fernández (autor mencionado por Cornélio), que identifica a terra misteriosa da profecia com a China⁹⁷, e em Paulo Sherlogo (autor bem conhecido a Vieira), que a identifica com a Índia Oriental⁹⁸.

Concluamos a nossa exemplificação com o passo já visto, em que Vieira comenta o verso de Abdias: “Os deportados de Jerusalém, que residem em *Sepharad*/ no Bósforo, possuirão as cidades da Terra Austral”. Já sabemos que *Sepharad* era identificado com Espanha e que os Judeus para ali teriam sido transportados pelo rei Nabucodonosor de Babilônia. Resta sabermos qual é a base desta tradição. Diz Vieira: “<Nabucodonosor>, tendo conquistado a Jerusalem e passado seus

-
- (91) José da Costa ou, melhor, de Acosta (1540-1600), jesuíta espanhol e um dos fundadores da missiologia nos Tempos Modernos, é sobretudo conhecido como autor do livro: *De natura novi orbis et promulgatione Evangelii apud barbaros sive de procuranda Indorum salute*, Salamanca, 1588. A referência à profecia de Is. 18, 1-2 (aplicada à América) encontra-se nesta obra (p. 41).
- (92) Jan Frederik van Lummén ou Fredericus Lumnus (1533-1602), autor flamengo, escreveu, além de obras devocionais, o livro: *De Vicinitate Extremi Judicii et Consummationis Saeculi* (Antuérpia, 1594, 2.ª ed.). O passo relativo à profecia de Is. 18, 1-2 ocorre nesta edição (p. 124-130), onde o autor não deixa dúvidas quanto à localização da terra mencionada pelo profeta na América, dizendo p.e.: ... *gentem esse convulsam et dilaceratam, utpote olim post diluivium a communi reliquorum hominum consortio abstractam; e: qui Cannibales vocantur ab India.*
- (93) Frei Luís de León (1527-1591), agostiniano espanhol e grande figura da literatura castelhana. Na sua obra exegética: *Explanatum [...] in Canticum Cantorum, in Psalmum XXVI, in Abdiam, in Epistolam ad Galatas* (Salamanca, 1589) ocorre um longo trecho (p. 664-668) em que identifica a terra lastimada por Isaías com Espanha, dizendo, entre muitas outras coisas, que os Espanhóis serão castigados por causa dos seus crimes cometidos no Novo Mundo.
- (94) Thomas Bozius, *De Signis Ecclesiae*, Vol. II p. 321: *In mari namque Aethiopico, in quod flumina regionis illius influunt, plurimas sunt insulae, quae per Lusitanos Christo conciliatae sunt, ut quae ad Austrum, Occidentem atque Orientem spectant; inde solvitur ad amplissima Indiarum regna; verbi gratia, e Canariis ad Occiduas Indias, ex insula Sancti Laurentii et adjacentibus ad Eoas.*
- (95) Benito Arias Montano (1527-1598), o famoso editor da *Bíblia Regia* de Antuérpia (1568-1572), escreveu também obras exegéticas, p.e. *Commentaria in Isaiae Prophetas Sermones* (Antuérpia, 1599), onde lemos (p. 383): *Haec totius capituli summa sententia est, cujus orationem ex verborum significatione explicabimus. Indiae Orientalis populos eos esse, qui trans flumina Aethiopiae habitant, docuimus.*
- (96) Martinus Delrío, *Adagia sacra Veteris et Novi Testamenti* (Lyon, Cardon, 1612, p. 318) diz: *Ultima sententia est, significari < hoc oraculo Isaiae > Orientalem Indiam ultra Gangem, et praedici praedicatione Evangelica Gentes illas convertendas.* — Quanto a Martín Antonio Delrío, cf. nota 16.
- (97) Juan Fernández de Toledo (1536-1595), jesuíta espanhol, diz na sua obra: *Divinarum Scripturarum [...] Thesaurus* (Medina do Campo, 1594, Vol. I f. 63^v): *Tertia expositio < hujus prophetiae Isaiae > est acutior quorundam recentiorum, qui putant Aethiopiam Orientalem et novum orbem usque ad Sinas a Lusitanis inventum praenunciari.*
- (98) Paulus Sherlogus, *Anteloquia*, etc., p. 101.2.

habitadores para Babylonia, dalli mandou parte delles para Hespanha, por ser parte desta provincia conquista sua, como refere Josepho, Estrabo e outros graves authores...” (HF p. 245). E’ uma afirmação muito ousada, pelo menos, formulada nestes termos. E’ verdade que Flávio Josefo⁹⁹ e Estrabão¹⁰⁰ fazem menção dessa campanha do rei babilônio contra Espanha, mas ambos referem-na com a devida reserva, tendo a diligência de responsabilizar o historiador helenístico Megástenes¹⁰¹ pela notícia. Também os “outros graves authores”, a que Vieira se refere, seguramente sem conhecê-los¹⁰², recorrem à autoridade do mesmo Megástenes. A conclusão é óbvia: só Megástenes¹⁰³, e nenhum outro autor, falou, na Antiguidade, dessa conquista de Espanha por Nabucodonosor. Vieira peca aqui, como tantas outras vezes, contra uma das regras fundamentais da Crítica Histórica, que prescreve excluamos de ante-mão aquelas testemunhas que plagiaram, mais ou menos literalmente, um documento anterior; só têm valor aquelas testemunhas convergentes que, independentemente uma de outra, podiam conhecer a verdade de um fato histórico. Mas Antônio Vieira não se sentia inquietado por essas e outras regras: tinha a pretensão de construir um “alto palácio”¹⁰⁴, mas esquecia-se de que estava construindo em areia solta.

* * *

O presente trabalho poderia dar a impressão de ser da mão de um crítico mesquinho e pouco amigo de Vieira. Na realidade, amo-o e admiro-o, apesar da sua falta de sólida erudição, de espírito crítico e de “acribia”. Não me custa amá-lo e admirá-lo, tal como ele é, e não sinto a necessidade de o embelezar ou de lhe paliar os defeitos. Depois de lidar, durante muitos anos, com as suas obras, não diminui nem o meu amor nem a minha admiração.

Um Zoilo de Santo Agostinho (não me lembro do seu nome) tentou caracterizá-lo nesta frase lapidar: *numquam*

(99) Este autor em dois livros: *Ant. Jud.*, X 11,1 e *Contra Apionem*, I 20.

(100) Strabo, *Geographica*, XV 62.

(101) Megast (h) enes, autor helenístico, que por ordem do rei Seleuco Nicátor da Síria fez uma viagem à Índia (c. 295 a.C.) para negociar com o rei indígena Sandracota; regressado à pátria, escreveu uma obra sobre a Índia, que se perdeu salvo alguns trechos conservados por outros autores.

(102) Poderiam ser os historiadores Abideno (século II d.C.), Diocles (ou Diógenes?) e Moisés o Armênio (século VIII d.C.). Mas está fora de dúvida que Vieira não conhecia esses autores nem os vários problemas relacionados com eles, mas se baseava em notícias encontradas ap. Malvenda, *De Antichristo*, I p. 278,1.

(103) Transcrevemos aqui a notícia de Megástenes, tal como se encontra ap. Flavius Josephus, *Contra Apionem*, I 20, na versão latina, que Vieira leu ap. Malvenda (cf. a nota anterior): *Megasthenes in Quarto Indicorum declarare contendit, praedictum regem Babyloniorum Herculem fortitudine et rerum gestarum magnitudine praecessisse. Dixit enim cum et maximam Africas partem et Hispaniam subjugasse.* — As outras notícias são substancialmente as mesmas.

(104) Cf. Vieira, *Cartas*, III p. 681.

philosophus, nonnumquam theologus, semper orator. A sentença, muito injusta para com o bispo de Hipona, parece-nos até certo ponto aplicável a Antônio Vieira. Aplicando-a sem a menor malícia ao nosso autor, devemos reconhecer que Vieira não foi um profundo pensador¹⁰⁵ nem mesmo um pioneiro no terreno da exegese bíblica. Mas foi um grande literato e artista, dotado de um grande coração. Um literato, não no sentido banal de um Barroquismo fútil e exteriorizado, mas um artista fascinante, digno do epíteto que Fernando Pessoa lhe deu: “Imperador da língua portuguesa”. Não nos cativa apenas com a magia da sua palavra, mas também com a sua mensagem, que era religiosa e, ao mesmo tempo, social. Uma mensagem, no sentido mais profundo do termo, é sempre uma palavra profética de libertação e emancipação: Vieira não recuou, ainda diante de graves ameaças, de falar tal palavra libertadora e emancipadora a favor dos Judeus e dos Índios. Se é verdade que a sua mensagem, pelo que tem de roupagem bizarra e outros condicionalismos ultrapassados, perdeu para nós a sua atualidade, ainda não perdeu a sua força existencial, que continua a vibrar em numerosas páginas da sua obra. Conquistando facilmente, como artista, a nossa admiração, Vieira concilia igualmente, com os dotes do seu coração, a nossa simpatia. Tinha um grande coração, não no sentido sentimental da palavra, mas na acepção mais nobre do termo: não hesitou em tomar a defesa de certos grupos de indivíduos humanos que, no seu tempo, viviam quase completamente desprotegidos. O seu coração abria-lhe os olhos para ver com clareza as necessidades urgentes da sua pátria. E, como disse Lacordaire: *C'est le propre des grands coeurs de découvrir le principal besoin des temps où ils vivent et de s'y consacrer.*

(105) Assim não julga o Pe. Serafim Leite, que escreve (no artigo: *O Padre Antônio Vieira e as Ciências Sacras no Brasil*, ap. *Verbum*, Revista da Pont. Univ. do Rio de Janeiro, I (1944-1945), p. 258): “A *História do Futuro* organizada com dados da História Universal e Portuguesa, com aplicação de textos sacros e interpretações e exegese política, é de tão extraordinário relevo, que o livro, tal como ficou, se enumera entre as grandes obras do pensamento humano, e anda incluído em coletâneas, ao lado de Rousseau, Kant e outros dos mais diversos sectores doutrinários ou ideológicos”.